



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
(PPGEEB)

WÁLISSEON FRANCISCO DE LIMA

**A Bocha Paralímpica na escola: vivência e inclusão na Educação
Física escolar**

GOIÂNIA/GO

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

WÁLISSON FRANCISCO DE LIMA

3. Título do trabalho

A Bocha Paralímpica na escola: vivência e inclusão na Educação Física escolar

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Helena Santana Dalla Dea, Professor do Magistério Superior**, em 14/11/2024, às 08:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Walisson Francisco De Lima, Discente**, em 02/12/2024, às 12:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4969862** e o código CRC **E733674B**.

WÁLISSEON FRANCISCO DE LIMA

A Bocha Paralímpica na escola: vivência e inclusão na Educação Física escolar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa

GOIÂNIA/GO

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Wálisson Francisco de

A Bocha Paralímpica na escola: vivência e inclusão na Educação Física escolar [manuscrito] / Wálisson Francisco de Lima. - 2025.

XCII, 92 f.: il.

Orientador: Prof. Vanessa Helena Santana Dalla Déa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2024.

Bibliografia.

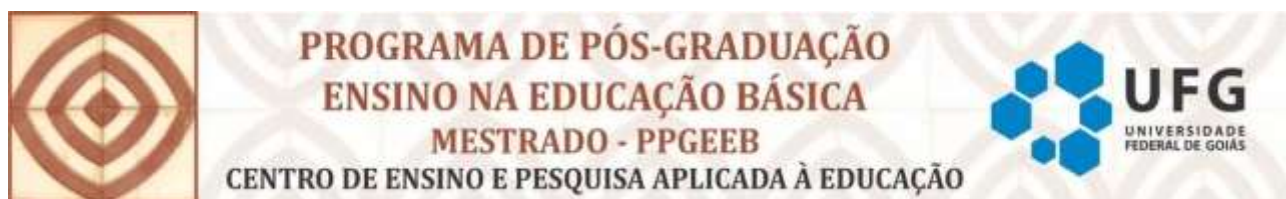
Inclui siglas, abreviaturas.

1. Esporte Paralímpico. 2. Educação Física . 3. Inclusão . 4. Diversidades. I. Dalla Déa, Vanessa Helena Santana, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos treze dias do mês de novembro do ano 2024, às 14h, via teleconferência, foi realizada a Defesa da Dissertação intitulada *A Bocha Paralímpica na escola: vivência e inclusão na Educação Física escolar* e do Produto Educacional intitulado *A Bocha Paralímpica como conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física*, pelo discente **WÁLISSON FRANCISCO DE LIMA**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa (PPGEEB /CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Ana Paula Salles da Silva (PPGEEB /CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Lana Ferreira de Lima (UFCat) – membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Helena Santana Dalla Déa, Professor do Magistério Superior**, em 13/11/2024, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Salles Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 15/11/2024, às 09:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **LANA FERREIRA DE LIMA, Usuário Externo**, em 18/11/2024, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4959249** e o código CRC **291DC3E0**.

LIMA, Wálisson Francisco de. **A Bocha Paralímpica na escola: vivência e inclusão na Educação Física escolar.** 2025. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional Stricto Sensu do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Por meio deste estudo buscamos conhecer a história dos Esportes Paralímpicos na sociedade, refletindo sobre a inclusão das diversidades nas aulas de Educação Física e sobre as práticas corporais paralímpicas nas escolas de Educação Básica. O problema que originou nossa pesquisa questiona se os professores de Educação Física reconhecem a importância da inclusão escolar, indagando como eles atuam na produção de saberes individuais e coletivos acerca dos esportes paralímpicos em suas aulas. Visamos compreender as concepções dos professores a respeito da inclusão escolar, estabelecendo diálogos no intuito de construir caminhos para a democratização dos esportes paralímpicos nas escolas. Almejamos conhecer a história da modalidade intitulada como Bocha Paralímpica e estimular experiências com esta modalidade nas aulas de Educação Física, possibilitando o engajamento das pessoas com diversidades físicas ou neurodiversidades na sociedade, por meio das múltiplas relações que os sujeitos estabelecem entre si, na construção coletiva do conhecimento. Com base nos preceitos da pesquisa social e qualitativa, desenvolvemos um “estudo de caso” com os professores de Educação Física da primeira fase do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Guiomar Rosa de Oliveira, localizada no município de Aparecida de Goiânia, no estado de Goiás. Apresentamos um Produto Educacional em forma de Sequência Didática, denominado como “A bocha paralímpica como conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física”. Este material didático instrucional foi testado no campo da pesquisa e pode ser aplicado em diversas vivências pedagógicas nas aulas de Educação Física. Concluímos que os professores de Educação Física reconhecem a importância da inclusão escolar, porém, ainda abordam os esportes paralímpicos de maneira superficial. A Bocha Paralímpica ficou à margem do processo educativo, devido a falta de conhecimentos dos professores sobre o tema e a ausência de disciplinas que contemplam os esportes paralímpicos em sua formação inicial docente. Para além de produzir saberes e gerar reflexões e debates sobre a inclusão das diversidades nas escolas, buscamos auxiliar na garantia dos direitos de todos os estudantes a uma educação pública de qualidade, que promova sua liberdade e sua autonomia na sociedade atual.

Palavras-Chave: Esporte Paralímpico. Educação Física. Inclusão Escolar. Diversidades.

LIMA, Wálisson Francisco de. **Paralympic Boccia in school: experience and inclusion in school Physical Education.** 2025. 92 p. Dissertation (Master's in Teaching in Basic Education) – Postgraduate Program in Teaching in Basic Education, Center for Teaching and Research Applied to Education, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

This research was developed within the scope of the Professional Master's Program in Basic Education Teaching, at the Center for Teaching and Research Applied to Education (CEPAE), of the Federal University of Goiás (UFG). Through this study, we seek to understand the history of Paralympic sports in society, reflecting on the inclusion of diversity in Physical Education classes and on Paralympic body practices in Basic Education schools. The problem that originated our research questions whether Physical Education teachers recognize the importance of school inclusion, inquiring how they act in the production of individual and collective knowledge about Paralympic sports in their classes. We aim to understand teachers' conceptions regarding school inclusion, establishing dialogues in order to build pathways for the democratization of Paralympic sports in schools. We aim to understand the history of the sport known as Paralympic Boccia and to encourage experiences with this sport in Physical Education classes, enabling the engagement of people with physical or neurodiversity in society through the multiple relationships that individuals establish with each other in the collective construction of knowledge. Based on the principles of social and qualitative research, we developed a "case study" with Physical Education teachers in the first phase of Elementary School at the Guiomar Rosa de Oliveira Municipal School, located in the municipality of Aparecida de Goiânia, in the state of Goiás. We present an Educational Product in the form of a Didactic Sequence, entitled "Paralympic Boccia as pedagogical content in Physical Education classes". This instructional teaching material was tested in the research field and can be applied in various pedagogical experiences in Physical Education classes. We conclude that Physical Education teachers recognize the importance of school inclusion, but still address Paralympic sports in a superficial way. Paralympic Boccia has been marginalized in the educational process due to teachers' lack of knowledge on the subject and the absence of Paralympic sports in their initial teacher training. Beyond producing knowledge and generating reflection and debate on the inclusion of diversity in schools, we seek to help guarantee the rights of all students to a quality public education that promotes their freedom and autonomy in today's society.

Keywords: Paralympic Sport. Physical education. School inclusion. Diversities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - SOBRE CORPOS DIVERSOS E TRAJETÓRIAS SINGULARES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM CONSTRUTO HISTÓRICO-SOCIAL EXCLUDENTE E SEGREGADOR	13
POLÍTICAS EDUCACIONAIS AFIRMATIVAS PARA A INCLUSÃO DAS DIVERSIDADES E AS PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	17
A INCLUSÃO ESCOLAR SOB A ÓTICA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM SOCIAL.....	19
CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO CONTINUADA E AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO ESPORTE PARALÍMPICO NAS ESCOLAS	23
A GÊNESE DO ESPORTE PARALÍMPICO: UMA HISTÓRIA EM CONSTANTE EVOLUÇÃO.....	26
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL ESPORTIVA E A CHEGADA DO ESPORTE PARALÍMPICO AO BRASIL.....	27
A BOCHA PARALÍMPICA NO BRASIL E A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL INERENTE À MODALIDADE.....	28
A BOCHA PARALÍMPICA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	31
PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	33
O DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA) NO CONTEXTO DA PESQUISA DE CAMPO: RUMO A UMA ESCOLA CADA DIA MAIS DEMOCRÁTICA.....	35
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DA PESQUISA E O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO CAMPO DAS PRÁTICAS SOCIAIS	37
A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NO CAMPO DA PESQUISA.....	39
ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	44
ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	45
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO CAMPO DA PESQUISA: APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL PARA OS ESTUDANTES.....	48

SUGESTÕES PARA APROFUNDAMENTO DAS PESQUISAS E DOS CONHECIMENTOS SOBRE O TEMA.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
APÊNDICE.....	63

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa apresentamos um estudo sobre o esporte paralímpico nas aulas de Educação Física, com base nas vivências realizadas ao longo dos anos em nossa atuação profissional como professor formador e técnico paralímpico na Gerência de Práticas Paradesportivas e Paralímpicas, da Secretaria Estadual de Esporte e Lazer (SEEL-GO), e também como professor de Educação Física na rede municipal de ensino de Aparecida de Goiânia, no estado de Goiás.

O problema que originou este estudo, questiona se os professores de Educação Física reconhecem a importância da inclusão escolar e de que forma eles atuam na produção de saberes individuais e coletivos acerca dos esportes paralímpicos em suas aulas. A pesquisa foi pensada a partir da necessidade de se criar e estabelecer práticas pedagógicas plurais nas aulas de Educação Física, capazes de garantir a efetivação dos direitos básicos das pessoas com diversidades motoras, visuais, auditivas ou com neurodiversidades, presentes e atuantes na sociedade, assim como para todos os demais estudantes das escolas.

Nosso objetivo principal se pautou em conhecer as concepções dos professores de Educação Física a respeito da inclusão das diversidades nas escolas e estabelecer diálogos nos campos da teoria e da prática, buscando conhecer suas possíveis ações na produção de saberes individuais e coletivos acerca do esporte paralímpico em suas aulas, apontando caminhos para inserir esta matriz esportiva de maneira democrática nas escolas. Os objetivos específicos se pautaram em conhecer a história acerca do surgimento e do desenvolvimento dos esportes paralímpicos na sociedade; Conhecer a história e as regras da “Bocha Paralímpica” e debater sobre as possibilidades de trabalho com esta modalidade nas aulas de Educação Física do ensino fundamental, por meio do desenvolvimento de um produto educacional pedagógico e instrucional; Conhecer as diretrizes ou recomendações legais que normatizam o ensino e a aprendizagem dos esportes paralímpicos nas aulas de Educação Física, além de contribuir com a disseminação de saberes sobre os esportes paralímpicos como possibilidade de intervenção pedagógica neste componente curricular.

O esporte paralímpico pode ser importante aliado na Educação Física escolar, promovendo maior visibilidade acerca da diversidade humana e modificando preconceitos a respeito das pessoas com deficiência. Além de proporcionar ricas e diferentes experiências motoras e sensoriais para todos os estudantes, o esporte paralímpico pode colaborar com a formação de uma cultura esportiva mais ampla e inclusiva e ainda promover a inclusão social das pessoas com deficiência (Dalla Déa et al., 2019).

Nosso intuito foi conhecer o percurso histórico do esporte paralímpico na sociedade brasileira, com atenção especial para a modalidade denominada como “Bocha Paralímpica”¹ e o desenvolvimento das práticas corporais inclusivas nas escolas, buscando enxergar condições práticas de intervenção social a partir do conhecimento prévio e dialogar sobre as alternativas de superação das possíveis adversidades enfrentadas pelos professores de Educação Física no desenvolvimento dessa temática em suas aulas, obedecendo as etapas da pesquisa e o rigor científico imprescindível nas ciências humanas e sociais.

A escolha da Bocha Paralímpica como modalidade a ser apresentada no Produto Educacional deste estudo, se dá por sua potência inclusiva. De acordo com Dalla Déa, dentre os esportes paralímpicos que podem ser trabalhados como esporte educacional, a Bocha Paralímpica apresenta um grande potencial

gostaríamos de chamar a atenção também para a bocha, que é um esporte que todos podem praticar, que costuma ser bem recebido pelas crianças e adolescentes sem deficiência e ainda consegue incluir pessoas com mobilidade reduzida e pessoas com deficiências múltiplas e deficiências mais limitantes (Dalla Déa et al., 2021, p.98).

Neste sentido, desenvolvemos uma pesquisa social e qualitativa, utilizando a metodologia do estudo de caso, buscando vivenciar o contexto real do problema apresentado.

Partimos de uma Revisão de Literatura sobre o tema em questão, para conhecer um pouco sobre a história dos esportes paralímpicos e sua inserção pedagógica nas aulas de Educação Física, culminando com uma pesquisa de campo, que possibilitou o diálogo com os professores de Educação Física que atuam no chão da escola, nosso campo da pesquisa.

Delimitamos as turmas de 1º e 2º anos do ensino fundamental como foco da pesquisa, pois a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta que neste segmento da Educação Básica, os “Esportes de Precisão” devem ser apresentados aos estudantes. A Escola Municipal Guiomar Rosa de Oliveira, localizada na região periférica do município de Aparecida de Goiânia, no estado de Goiás, foi a unidade escolar designada para a realização desta pesquisa, por estar localizada bem próximo à escola especial APAE² de Aparecida de Goiânia, e por contar com professores de Educação Física efetivos em seu quadro de profissionais, servidores estatutários do município. Esta unidade escolar atende cerca de 760 alunos do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino.

¹ A Bocha Paralímpica está contida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), categorizada como um Esporte de Precisão.

² APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aparecida de Goiânia, localizada no Jardim Maria Inês, mesmo bairro da escola comum designada como campo da pesquisa.

Em consonância com a abordagem qualitativa de pesquisa, entendemos que o método mais adequado para a coleta e tratamento dos dados neste trabalho, seja o estudo de caso. De acordo com Lüdke e André

o estudo de caso “qualitativo” ou “naturalístico” encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola. Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade (LÜDKE E ANDRÉ 1986, p.23).

A escola precisa se consolidar cada dia mais como local de acolhimento e pertencimento de todas as vozes. Precisa abraçar a diversidade e democratizar a experiência escolar plena e exitosa para todos os discentes. Democratização sem participação não gera bons resultados, assim, é necessário oferecer o máximo de apoio, colaboração, conhecimentos específicos e acessibilidade para que todos desenvolvam suas potencialidades, sendo capazes de compreender o mundo com autonomia, vivenciar e produzir conhecimentos.

CAPÍTULO 1 - SOBRE CORPOS DIVERSOS E TRAJETÓRIAS SINGULARES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM CONSTRUTO HISTÓRICO-SOCIAL EXCLUDENTE E SEGREGADOR

A história por trás da educação formal das pessoas com diversidades na sociedade brasileira é nefasta. Durante décadas, os sistemas educacionais adotaram políticas excludentes que acabaram comprometendo a aprendizagem e o desenvolvimento destas pessoas no decurso do tempo. Neste capítulo, buscamos reconhecer o processo histórico e cultural limitante observado na formação educacional das pessoas com diversidades, discutindo sobre a inclusão destas crianças nas aulas de Educação Física e os prejuízos causados pela segregação social realizada a partir de 1930, em nome de projetos político-sociais, como a idealização de um povo forte e ágil, que pudesse defender a pátria em situações emergenciais e também levar adiante os planos de industrialização e desenvolvimento econômico do país. Discorreremos também sobre a importância das interações sociais possibilitadas pelas práticas corporais nas aulas de Educação Física e as aprendizagens advindas das trocas que são realizadas nas escolas, que podem interferir diretamente no desenvolvimento de todos os alunos que dela fazem parte.

Ainda que sempre presente na sociedade, o termo “deficiência” foi compreendido de maneiras distintas ao longo dos tempos. Em cada período histórico foram atribuídos valores e crenças que orientaram políticas públicas e construíram um ideário social capacitista a respeito da pessoa com alguma diversidade física ou neurodiversidade, que geralmente projetava nessas pessoas, características negativas, limitantes e até mesmo agressivas, refletindo assim o descaso do poder público com a criação e com a efetivação de políticas para a formação educacional dessas pessoas, delineando negativamente o imaginário social em torno dessa pauta. Para Alves e Duarte (2019, p.16) “De forma geral a deficiência sempre foi acompanhada por valores sociais negativos, representando um estigma para esta população”.

Havia um amparo legal para que as Instituições de Ensino se eximissem do seu papel formativo e perpetuassem a exclusão das pessoas com diversidades motoras ou intelectuais, atribuindo a elas a incapacidade de aprender e negando os direitos básicos de todo cidadão a uma educação pública e gratuita de qualidade.

A escola, na maioria das vezes, acabou por refletir os valores e as crenças da sociedade dominante, assim como ocorreu também na área da Educação Física, cujos valores sociais se pautaram na ideia de corpo forte, ágil e saudável. Diversas áreas do conhecimento foram influenciadas pelo “modelo médico”, que marcou fortemente a educação brasileira e por

consequência a área da Educação Física. Até mesmo os significados atribuídos ao termo “deficiência”, sofreram grandes influências dessa corrente de pensamento. “Pautada no modelo médico a deficiência era encarada socialmente como uma doença, uma patologia a ser tratada. No modelo médico, a deficiência é compreendida como uma anormalidade ao padrão esperado para o desenvolvimento do indivíduo” (ALVES E DUARTE, 2019, p.16).

Somente em meados do século XIX, foram fundadas as primeiras instituições especializadas na educação deste público, entretanto, neste período havia um grande descaso do poder público quanto à oferta de educação para a população de uma maneira geral, sendo que as poucas vagas existentes nos sistemas de ensino, eram destinadas à educação das elites da sociedade, privilégios que reforçaram os abismos socioeconômicos que ainda ressoam e penalizam a população brasileira.

Segundo Alves e Duarte (2019, p.17) “entre as décadas de 1920 e 1930 tiveram início esforços governamentais para popularização da educação. Grande parte da nossa população vivia em condições de pobreza, em regiões rurais e com 80% da população analfabeta”. Os ideais defendidos naquele contexto social, se baseavam nos princípios da *escola nova*, movimento surgido na Europa no final do século XIX, tendo culminado com o Manifesto dos Pioneiros da educação nova no Brasil, ocorrido no ano de 1932. Este movimento trouxe diversos avanços para a educação brasileira, como a gratuidade do ensino, a universalidade e a laicidade da educação e sua consolidação como um direito do povo e um dever do estado, entretanto, ao enxergar na escola um grande potencial para iniciar as mudanças sociais que pudessem combater as desigualdades sociais fortemente presentes na sociedade classista do país, visando sintonizar a nova escola com os apelos da sociedade moderna que clamava por trabalho produtivo e mão de obra eficiente, acabou gerando contradições que reforçaram a segregação social das pessoas com diversidades. Dessa forma “A escola é idealizada como o local capaz de fornecer oportunidades iguais para todas as crianças, a fim de que estas ao final de seu processo educacional tenham chances iguais de ascensão social” (ALVES e DUARTE 2019, p.17).

Nesse contexto, a escola foi concebida sobre o princípio da igualdade, porém com foco na padronização de comportamentos e na eficiência dos gestos com uma certa prescrição médica. Tendo em vista que no Brasil, o escolanovismo se desenvolve em contrassenso à escola tradicional e caminha lado a lado com o movimento higienista, buscava-se evitar que os alunos contraíssem doenças ou problemas de saúde por intermédio de uma “nova disposição corporal”, com aplicação de normas higiênicas e centralidade das crianças no processo de aprendizagem.

Ao organizar a educação primária em classes homogêneas, separadas por idade e acreditar que todas as crianças eram iguais e responderiam da mesma forma ao processo de ensino e aprendizagem, aquelas que eram consideradas “diferentes” eram segregadas e direcionadas para classes especiais ou escolas especiais privadas. Nesse contexto

o modelo médico exerceu um papel fundamental na estruturação de práticas e concepções para a educação da pessoa com deficiência. A deficiência acompanhada de seu diagnóstico médico rotulou este aluno, criando expectativas de comportamento e aprendizagem difíceis de serem mudadas (ALVES E DUARTE, 2019, p.17).

Foi criada uma expectativa negativa, uma prenoção de que a pessoa com alguma diversidade era doente, inferior e incapaz de realizar as atividades propostas nas escolas comuns. Havia a crença de que esta condição singular inviabilizava a presença destes alunos nas escolas, sendo que o princípio da igualdade fora deturpado em nome da equalização entre os estudantes. “Sob o princípio da igualdade, a escola não admitia a diferença e diversidade entre os alunos. Um aspecto central neste processo foi a vinculação entre a deficiência e o fracasso escolar” (ALVES e DUARTE, 2019, p.18). A escola se tornou um “não-lugar” para os corpos diversos e as identidades díspares, que destoavam do padrão de julgamento do sistema educacional, sendo vistos como inferiores e incapazes de aprender e se desenvolver em sociedade.

A educação física em sua gênese serviu para atender a distintas necessidades sociais existentes em diferentes momentos históricos. Desde o seu surgimento na Europa, no final do século XVIII e início do século XIX, os exercícios físicos tiveram um papel destacado, pois eram intrinsecamente ligados aos cuidados com o corpo e “vistos exclusivamente como fator higiênico” (SOARES et al., 1992, p.51). Em uma sociedade capitalista pujante, o projeto de homem idealizado pelas elites políticas da época visava a construção de corpos saudáveis que dessem conta das demandas existentes nas fábricas e nas indústrias em ebulição, cuja força de trabalho era necessária para mover a engrenagem capitalista. “Para essa nova sociedade, tornava-se necessário construir um novo homem: mais forte, mais ágil, mais empreendedor” (SOARES et al., 1992, p.51).

É nesse contexto que a Educação Física se estrutura no Brasil, nos idos de 1920 e 1930, sofrendo grandes influências das correntes médico-higienistas e militaristas. Sobre este aspecto, Alves e Duarte (2019, p. 18) evidencia que “neste período a Educação Física é influenciada pelas instituições militares, princípios higienistas e pela filosofia positivista”. Soares et al. (1992, p.53) também reforça esta tendência ao salientar que “No Brasil, especificamente nas

quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional a influência dos métodos ginásticos e da instituição militar“. Ainda não haviam cursos superiores para a formação de professores de educação física, assim, as aulas eram ministradas por instrutores físicos do exército, com base nos métodos militares da disciplina, da rigidez, da padronização dos movimentos e da hierarquia, em atividades exclusivamente práticas.

Durante o período do Estado Novo, a Educação Física recebeu grande importância, pois servia aos interesses políticos da nação, ao criar homens fortes e saudáveis para defender a pátria de possíveis ataques estrangeiros. Para Alves e Duarte (2019, p.19)

No período do estado novo, de 1937 a 1945, a Educação Física assume um novo papel social. Pela manutenção da ordem política e econômica, essa se estrutura com objetivo de preparação dos cidadãos para a defesa da pátria e a manutenção do crescimento econômico por meio da formação da mão-de-obra. O discurso presente para a Educação Física ainda se pauta no corpo forte e hábil para a defesa da Pátria.

O ano era 1938 e houve nesse período a promulgação de um decreto extremamente controverso, que proibia a matrícula nas escolas comuns às pessoas que tivessem alguma diversidade motora ou neurodiversidade. A escola fechou suas portas para todos aqueles que carregavam alguma diferença, que pudesse impedir a realização das atividades rígidas e obrigatórias nas aulas de Educação Física. Podemos perceber que nesse triste período da educação brasileira, a Educação Física foi utilizada como oficina da exclusão, ao trilhar por caminhos eugenistas, militaristas e higienistas. Castellani Filho (1988, p.67) reforça a tese de que havia uma militarização do corpo e tentativas de realizar um “aprimoramento eugênico incorporado à raça e a ação do Estado sobre o preparo físico e suas repercussões no mundo do trabalho” em nome do desenvolvimento, da segurança e defesa da pátria. De acordo com Izabel Maior “A presença de diferenças entre os seres humanos tem sido, por séculos, motivo de eliminação, exclusão e formas diversas de segregação das pessoas com deficiência, tomadas como risco à sociedade, como doentes e como incapazes” (MAIOR, 2017, p.30). Sobre o fatídico decreto segregador e excludente, Castellani Filho afirma que

Preocupações dessa natureza levaram à exacerbação dos cuidados para a preservação e salvaguarda do ‘aprimoramento eugênico incorporado à raça’, como o absurdo previsto no Decreto n. 21.241 (artigo 27, letra b) e no item 10 da Portaria n. 13 e 16 de 1938, que estabeleciam a proibição de matrícula nos estabelecimentos de ensino secundário, *‘de alunos cujo estado patológico os impeça permanentemente da frequência às aulas de Educação Física’* (CASTELLANI FILHO, 1988, p.67).

Dessa forma, os corpos diversos foram afastados das escolas comuns e do convívio social, tendo suas trajetórias de vida coibidas ou cerceadas pelo poder público, e assim, suas vozes foram silenciadas e esquecidas por décadas. Essa segregação se estendeu ao longo do período do estado novo (1937 a 1945), sendo que a Educação Física ainda se pautava no discurso do corpo forte e hábil para a defesa da pátria.

A partir de 1946, a Educação Física escolar passa a receber fortes influências do método francês, que ficou conhecido no Brasil como “Método Desportivo Generalizado”. Nesse contexto, o esporte recebeu papel de destaque e foi fortemente inserido nas escolas, com todos os seus códigos e regras rígidas, pautado no rigor, na disciplina, na performance individual e coletiva. Assim como os professores assumiram um papel de técnicos esportivos, os alunos performavam como atletas e eram submetidos ao crivo do rendimento e da repetição incansável de gestos motores padronizados. O foco era no aperfeiçoamento esportivo dos estudantes, destarte, naquele cenário ainda se perpetuava a exclusão das pessoas com diversidades das escolas comuns, visto que sua presença nestes espaços ainda não era recomendada.

Tais paradigmas destoam frontalmente dos ideais da inclusão e da valorização da eficiência de cada um, onde a presença da diversidade nas escolas poderia ser vista como “oportunidade” para ensinar sobre o respeito às diferenças, promovendo a inclusão dos diversos estudantes nas turmas heterogêneas que temos em voga. Para nós, o esporte da escola deve ser desmistificado, ressignificado e adaptado para cada realidade, primando pela participação democrática de todos os estudantes e incentivando o fair-play e as trocas de experiências entre os mais diversos atores presentes nas escolas, favorecendo oportunidades de crescimento e desenvolvimento integral para todos, independentemente de suas características físicas ou intelectuais.

1.1 – POLÍTICAS EDUCACIONAIS AFIRMATIVAS PARA A INCLUSÃO DAS DIVERSIDADES E AS PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A partir de 1960, ocorrem aumentos significativos nos atendimentos de alunos com diversidades em escolas especiais, tendo em vista que algumas instituições assistenciais haviam sido fundadas e começaram a se popularizar no Brasil. A partir de então, houveram mudanças de perspectiva em relação à educação formal da pessoa com diversidades.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi promulgada no ano de 1961 (Lei 4024), marcando o início da posição inicial e oficial do governo brasileiro em relação à inclusão das diversidades nas escolas. Este ato estabelecia “a educação dos ‘excepcionais’ no sistema regular de ensino quando for possível” (ALVES E DUARTE, 2019, p.20). A educação das diversidades nas escolas comuns era uma opção não muito usual naquele período, pois os governos optavam por subsidiar e manter as instituições especiais privadas de natureza filantrópica e, dessa forma, incentivavam a segregação daqueles alunos nessas instituições assistenciais, privando seu acesso às escolas de educação básica.

Dez anos mais tarde, no ano de 1971, ocorre a complementação da primeira LDB, com a promulgação da segunda LDB (Lei 5692), em pleno regime militar no Brasil. Neste período, pouquíssimas crianças consideradas diferentes eram encaminhadas para as escolas da rede comum, pois seu acesso estava condicionado à sua capacidade de se adaptar à realidade da escola, e não o contrário. As escolas especiais eram incumbidas de oferecer atendimento educacional especializado e eram vistas como a melhor opção para a educação dessas pessoas, mesmo com seu caráter mais assistencialista do que propriamente educacional.

A partir dos anos 90, podemos observar uma guinada na integração dos alunos com diversidades nas escolas comuns do campo e das cidades.

O panorama educacional para alunos com deficiência mudou apenas após a década de 1990 com a publicação de documentos internacionais importantes defendendo o direito desses a educação de qualidade na escola regular. Dentre esses documentos temos a Declaração Mundial de Educação para Todos e a Declaração de Salamanca, fruto respectivamente da Conferência Mundial de Educação para todos, realizada em Jomtien (Tailândia) em 1990 e da Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada em Salamanca (Espanha) em 1994 (ALVES E DUARTE, 2019, p.21).

No ano de 1988, a Constituição Federal do Brasil foi promulgada, tornando a educação e também o esporte, um direito de todos e dever do estado. Passamos a presenciar diversas mudanças de perspectiva no movimento inclusivo, que se pautou no modelo social para encarar a educação das diversidades como sendo uma demanda da sociedade e não apenas um problema do aluno em si. “A deficiência só se traduz em uma desvantagem para o indivíduo quando o seu ambiente social impõe barreiras à sua participação. A deficiência passa a ser um problema social” (ALVES E DUARTE, 2019, p.21).

No dia 20 de dezembro de 1996, ocorre a promulgação da terceira LDB (Lei 9394), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e ainda vigora nos dias atuais. Podemos observar avanços e retrocessos na educação brasileira a partir deste período. A educação passou

a ser vinculada aos princípios de liberdade e solidariedade humana, igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, apreço à tolerância, gratuidade do ensino público, embora ainda seja vinculada ao mundo do trabalho.

Especificamente sobre o atendimento das pessoas com diversidades nas escolas, o artigo 4º, capítulo III, expressa que é dever do estado garantir “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, ‘preferencialmente’ na rede regular de ensino”. (LDB 9394, 1996, p.8). Embora o texto contido na lei afirme que o estado é o principal responsável pela educação das diversidades, o termo “preferencialmente” gera uma insegurança quanto à aceitação e ao atendimento educacional de qualidade para as pessoas consideradas como sendo diferentes, nas escolas de educação básica. O capítulo V desta lei aborda a Educação Especial, conforme abordaremos adiante.

O acesso ao ensino fundamental obrigatório e gratuito foi uma das garantias asseguradas pela LDB, deixando abertura para que casos de exclusão fossem tratados em juízo, com intermédio do Ministério Público.

1.2 – A INCLUSÃO ESCOLAR SOB A ÓTICA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM SOCIAL

Acreditamos que ainda hajam resquícios dessas amarras que o sistema educacional brasileiro impôs na educação das pessoas com diversidades no decorrer da história. A privação da experiência concreta, advinda das trocas sociais realizadas principalmente no chão da escola, fez com que estas pessoas ficassem à margem da sociedade, prejudicando seu desenvolvimento integral pela falta de estímulos pedagógicos e de trocas sociais, já que viviam escondidas em suas casas, longe das escolas. Autores e estudiosos como Henri Wallon, discorreram a respeito da psicologia do desenvolvimento infantil em suas obras, apontando para a importância do meio social na formação integral do ser humano e na constituição da pessoa como um todo, abrangendo as várias nuances do movimento dialético entre a pessoa e o meio social

A ideia de uma personalidade que se forma isolada da sociedade é inconcebível para a perspectiva Walloniana, segundo a qual é na interação e no confronto com o outro que se forma o indivíduo. Wallon considera, portanto, que a educação deve, obrigatoriamente, integrar, à sua prática e aos seus objetivos, essas duas dimensões, a social e a individual: deve, portanto, atender simultaneamente à formação do indivíduo e à da sociedade (GALVÃO, 1995, p.91).

Wallon afirmava que o meio social é o campo da experiência, onde a criança aplica suas condutas, gestos e os movimentos de que dispõe, ao mesmo tempo em que aprende e retira recursos para sua ação cada vez mais elaborada no mundo do qual faz parte. O desenvolvimento é o meio de acesso às várias dimensões culturais produzidas na sociedade (GALVÃO, 1995, p.100).

Uma outra concepção de desenvolvimento e aprendizagem infantil que consideramos importante, diz respeito à psicologia social difundida pelo psicólogo de origem russa, Lev Semenovich Vygotsky. Ele defendia que o desenvolvimento infantil ocorre a partir do contato das crianças com o mundo exterior, desenvolvendo assim sua autonomia e aperfeiçoando suas maneiras próprias de aprender. Vygotsky afirmava por meio de seus estudos, que o desenvolvimento cognitivo se dava a partir das interações sociais e culturais, culminando com a formação e desenvolvimento dos processos mentais superiores.

Em sua obra “Psicologia Pedagógica”, Vygotsky (2010, p.524) reforça a importância da escola como local privilegiado de experiências e aprendizagens sociais, ao afirmar que “o próprio ingresso na escola significa, para a criança, um caminho interessantíssimo e novo no desenvolvimento dos seus conceitos”.

Ele teceu críticas às teorias que desvinculavam o desenvolvimento individual das aprendizagens sociais possibilitadas pelas vivências coletivas, interligando aprendizagem e desenvolvimento ao demonstrar sua interdependência. “Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos” (VYGOTSKY, 1998, p.75). Vygotsky descreve um importante conceito que entende ser primordial para elaborar as dimensões do aprendizado escolar: A zona de desenvolvimento proximal. De acordo com o autor, dois níveis de desenvolvimento são determinados em todas as crianças de maneiras singulares e distintas, quais sejam, o *nível de desenvolvimento real*, que agrega funções e habilidades já dominadas, resultantes de ciclos de desenvolvimento já completados, ou seja, aquilo que a criança já alcançou sozinha, sem a ajuda de ninguém, representado por habilidades, conhecimentos e competências que já foram consolidadas. O *nível de desenvolvimento potencial*, refere-se à sua capacidade de aprender novos saberes, aquilo que a criança pode alcançar com a ajuda de seus pares, as possibilidades de aprendizagens imediatas que podem ser conquistadas, sendo que a *zona de desenvolvimento proximal* seria o espaço entre esses dois níveis, onde a aprendizagem pode ocorrer de forma mais exitosa. Para o autor, a ZDP³

³ ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p.112).

Nessa perspectiva, fica nítido que aquilo que se configura como o nível de desenvolvimento potencial em uma criança hoje, com assistência, orientações e exemplos de seus professores e seus pares, será convertido em novos conhecimentos e aprendizados no futuro. De maneira prática, os conhecimentos e as habilidades que as crianças possuem no presente, serão acrescidos com novos repertórios a partir das inter-relações estabelecidas com seus pares, desta forma, elas conseguirão aprender e desempenhar novas funções com maior independência no futuro.

Fica evidente que nosso sistema educacional foi omissivo e muito falho no seu dever de garantir o acesso, a permanência e o sucesso na formação humana e integral das pessoas com diversidades ao longo dos tempos. É preciso democratizar a experiência escolar, garantir que as legislações vigentes sejam respeitadas e que todas as crianças possam encontrar na escola seu local de acolhimento e pertencimento, para que tenham acesso às aprendizagens sociais e aos conhecimentos historicamente produzidos, exercendo ativamente seu papel de criança cidadã, produtoras de conhecimento e em constante evolução e harmonia com o meio. São palavras do autor

O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam. As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse fato que parece ter pouco significado em si, é de fundamental importância na medida em que demanda uma alteração radical de toda a doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças (VYGOTSKY, 1998, p.115).

A partir dos diversos aprendizados a que tem acesso, a criança desperta distintos processos internos de desenvolvimento, que operam mudanças “somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros” (VYGOTSKY, 1998, p.118). Segundo o autor, o aprendizado quando é organizado de maneira adequada, resulta em desenvolvimento mental e coloca em movimento, diversos outros processos internos de desenvolvimento, que não ocorreriam sem estes estímulos.

Acreditamos na importância de se apresentar os esportes paralímpicos a todos os estudantes das escolas brasileiras, como fenômeno cultural, abordando o movimento paralímpico como uma parte importante de nossa cultura corporal de movimento, possibilitando

novas aprendizagens acerca dessas novas vertentes do conhecimento, até então deixadas de lado. Os esportes paralímpicos são voltados para pessoas com diversidades físicas ou neurodiversidades, mas podem ser praticados e ressignificados por qualquer pessoa como esporte de participação, tendo em vista que esta matriz esportiva faz parte de um conjunto de conhecimentos sistematizados, difundidos por diversos meios de comunicação, periodicamente expressados em grandes eventos esportivos como as Paralimpíadas, ou mesmo nas Paralimpíadas Escolares, se configurando como um amplo campo de atuação para profissionais da Educação Física e de participação pelos estudantes com diversidades e todos os demais estudantes, presentes nas escolas brasileiras.

O acolhimento e a formação dos estudantes com diversidades nas escolas comuns, induz a uma transformação gradual dos sistemas educacionais excludentes e das práticas educativas anacrônicas, rompendo com paradigmas históricos, que foram fundamentados no capacitismo e na exclusão dos corpos diversos e das vozes esquecidas, ressignificando e combatendo a cultura da exclusão e da segregação, ainda presentes no imaginário social e na dinâmica educacional brasileira.

CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO CONTINUADA E AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO ESPORTE PARALÍMPICO NAS ESCOLAS

As lacunas históricas notadas na formação de professores para a diversidade no Brasil, podem estar contribuindo com a negação de conhecimentos ou saberes sobre os Esportes Paralímpicos na Educação Básica. Os professores de Educação Física que estão inseridos no contexto escolar se deparam com a premente necessidade de incluir os conteúdos relacionados aos esportes paralímpicos em seus planejamentos pedagógicos, com foco na inclusão social e na geração de oportunidades para as pessoas com múltiplas diversidades, para que todos os alunos possam exercer sua cidadania plena. Dessa forma, reconhecemos a importância do debate e das ações para aprimorar os planos de ensino, abrindo espaço para a construção de saberes sobre a cultura paralímpica e a inclusão social nas aulas de Educação Física.

Só há mudança com conhecimento. A deficiência carrega consigo um conceito dinâmico e em evolução, caracterizada basicamente pelos impedimentos e pelas barreiras e restrições de participação efetiva na dinâmica social que a pessoa enfrenta, principalmente se fizermos uma comparação com o restante da população que não experimenta estas restrições. É sobre estas crianças que lançamos nosso olhar. A escola cria condições de igualdade para a aprendizagem de todos os estudantes? Nós como professores, estamos contribuindo para democratizar os saberes sobre a cultura paralímpica e favorecer as ações de inclusão na sociedade?

Acreditamos que a “experiência concreta”, a construção individual e coletiva do conhecimento, o domínio da especificidade, além da empatia de se colocar no lugar do outro e dividir experiências e conhecimentos, sejam ações primordiais rumo à autonomia e ao pleno desenvolvimento das juventudes. Dayrel salienta que

Construir uma noção da juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYREL, 2003, p.42).

É muito importante que lancemos nosso olhar sobre o estudante que carrega consigo o estigma de ser diferente, visto como sujeito social e histórico, movido por seus desejos de aprendizagem, desenvolvimento pessoal, ascensão e autonomia. Cada criança possui sua singularidade própria, mas se acometido por algum tipo de diversidade, a condição de “ser diferente” é potencializada perante seus pares. A escola é um espaço de “encontro das

juventudes”, portanto as ações pedagógicas e a qualidade das trocas realizadas no chão da escola são fundamentais no processo de construção de uma consciência social inclusiva e humanizante. Gonçalves (2021, p.98) ressalta a importância de “compreender e realizar a escola como um verdadeiro laboratório de convívio, de encontro, de sociabilidade entre jovens, crianças e adultos”. Para o autor “a escola é notadamente um ambiente de prática da diferença” (GONÇALVES, 2021, p.95), onde o conhecimento e a autonomia emanam das experiências coletivas e das trocas sociais entre os diversos educandos.

É imprescindível conhecer os anseios e as dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física presentes nas escolas, visando construir um trabalho colaborativo com foco na inclusão e na especificidade de uma cultura que fala sobre poucos, mas que é para todos. De acordo com Oliveira et al. (2022, p.11), “a formação do professor de Educação Física é de suma importância, pois ela é peça fundamental para promover práticas inclusivas”. Para as autoras, os conhecimentos profissionais adquiridos durante a graduação não se esgotam em si mesmos, portanto, os professores precisam estar em constante processo de formação continuada e atualização curricular para acompanhar as demandas que se apresentam no movimento cíclico do ato de ensinar e aprender. Paulo Freire (1996, p.21) afirmava que “não há docência sem discência”. Para ele, os professores, além de serem os agentes da mudança, eles próprios estão em constante transformação, ao confirmar, modificar ou ampliar os conhecimentos que fazem parte do seu repertório cultural. Aos professores não cabe somente a mera função de depositar⁴ os conhecimentos para que seus alunos apenas os reproduzam, sem uma reflexão crítica acerca da historicidade e da vinculação dessa linguagem corporal com a realidade vivida. O professor atua na transformação da realidade enquanto é transformado por ela. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p.23).

Segundo Chicon (2008, p.28) “está havendo um forte movimento em prol da formação inicial e continuada dos profissionais da educação, com o objetivo de qualificá-los para atender à diversidade encontrada no interior da escola”.

Devemos buscar a superação dos problemas por uma via dialógica, acreditando que o melhor caminho para avançar neste campo seja o caminho do debate, da formação continuada, da apropriação do conhecimento específico e do trabalho colaborativo entre professores, pesquisadores, gestores, pais e alunos.

⁴ Paulo Freire denomina esta vertente como sendo uma “Educação Bancária”, caracterizada pela relação unilateral entre professor e alunos.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação no ano de 1996, o conceito de “*Educação Especial*” foi apresentado em seu *capítulo V*, tendo passado por algumas reformulações no decorrer do tempo. A lei prevê serviços de apoio e assistência educacional especializada para alunos com diversidades nas escolas comuns, além da garantia por parte dos sistemas de ensino a métodos, técnicas e recursos educacionais específicos para atender diferentes necessidades, “bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”. (BRASIL, 1996). A própria Constituição Federal do Brasil, no artigo 217, estabelece que o acesso ao esporte é um “direito de cada um”.

Sabemos que precisamos avançar consideravelmente na efetivação da legislação educacional brasileira, no que se refere à inclusão escolar das pessoas com diversidades. Parece existir um verdadeiro abismo entre as recomendações legais e a realidade vivida nas instituições educacionais. Segundo Dalla Déa et al. (2018, p.7), “o direito previsto em lei, decreto, política ou diretriz não garante a inclusão, permanência e sucesso dessas pessoas no ambiente acadêmico”. A questão do simples acesso das pessoas diversas nas escolas comuns, não garante sua permanência com sucesso e a continuidade de sua jornada formativa ao longo de sua vida. Precisamos nos apropriar dos conhecimentos para então democratizá-los nas escolas. “A área de Educação Física pode, com rigor e com investimento, ser efetivamente uma área-chave para tornar a educação mais inclusiva e pode mesmo, ser um campo privilegiado de experimentação, de inovação e de melhoria da qualidade pedagógica na escola” (CHICON, 2008, p.34).

O preconceito é algo que está historicamente internalizado na cultura brasileira e no imaginário social das pessoas. A escola por sua vez, se constitui como espaço privilegiado para quebrar paradigmas e realizar mudanças de concepções enraizadas no tradicionalismo pedagógico, no movimento dialético do ensinar e do aprender, sendo capaz de originar novos conhecimentos e novos significados sociais e culturais a partir das interações entre os diversos atores nela presentes. As leis são muito necessárias, mas precisamos avançar nas alternativas práticas rumo a um modelo social que possibilite a visibilidade das pessoas com diversidades e da cultura paralímpica com um todo, que invista na formação de professores para a inclusão escolar e nas tecnologias assistivas para gerar acessibilidade e domínio da especificidade acerca da cultura paralímpica. Não se pode negar um direito básico a estudantes que foram historicamente negligenciados pelo sistema educacional brasileiro, em nome de projetos políticos que geraram exclusão e disseminaram preconceitos. Alves e Duarte (2019, p.25) confirmam esta premissa ao afirmar que

No caso do aluno com deficiência, um ponto importante reside na aprendizagem dos esportes paralímpicos. A escola e a aula de Educação Física representam para este aluno com deficiência o primeiro local de direito garantido para aprendizagem sobre o esporte. A aprendizagem do esporte deve ser compreendida como direito tanto para crianças com e sem deficiência, estruturada no currículo das aulas de Educação Física.

Dentre diversas questões importantes, ressaltamos adiante, a história do surgimento do esporte paralímpico, a chegada da Bocha Paralímpica ao Brasil, a questão da classificação funcional esportiva e a utilização da abordagem conhecida como Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), pois ela se relaciona com a melhoria da acessibilidade e com o acesso ao conhecimento integral e emancipatório de uma maneira geral.

2.1 - A GÊNESE DO ESPORTE PARALÍMPICO: UMA HISTÓRIA EM CONSTANTE EVOLUÇÃO

O esporte é um fenômeno sócio-histórico-cultural que possui múltiplas dimensões e aspectos singulares que foram sendo construídos no decurso da história. As diferentes formas de manifestações esportivas foram se materializando a partir de situações concretas advindas de necessidades observadas no convívio social, em diferentes contextos históricos. “O esporte é um universo amplo, uma totalidade com várias formas de manifestações, e por isso seu entendimento não pode ser reduzido a uma única forma de expressão, é preciso considerar seus diferentes contextos” (MARQUES et al., 2007, p.230).

No decorrer do século XX, principalmente após o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o esporte sofreu alterações de sentido e atribuiu novos significados em sua configuração frente à sociedade, sendo utilizado para fins diferentes dos observados até então (MARQUES et al., 2007, p.229). O esporte passou por um processo de mercantilização, englobando o status de espetáculo entre as suas dimensões. Outro ponto importante a ser observado nesse recorte histórico, foi o aumento das possibilidades de prática esportiva a partir da popularização do fenômeno esportivo. É nesse contexto que nasce o Esporte Paralímpico.

Ciro Winckler (2018, p.177) salienta que “embora a primeira competição esportiva sistematizada ocorra em 1924 com a criação dos jogos do Silêncio – Deafympics, competição para atletas com deficiência auditiva, o esporte paralímpico tem seu surgimento posterior na década de 1940”. Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos soldados ingleses voltavam lesionados dos campos de batalha e não tinham acesso a recursos materiais e tecnológicos para auxiliar na sua recuperação, o esporte passou então a ser utilizado como estratégia no tratamento e na recuperação dos combatentes feridos. Foi o médico Ludwig Guttman, de origem germana

e ascendência judaica, o precursor na utilização do esporte como forma de reabilitação dos soldados feridos na guerra. Guttman havia fugido da perseguição em seu país, estabelecendo-se na cidade de Aylesbury, Reino Unido. Ludwig Guttmann nasceu em Tost, uma cidade que na época fazia parte da Alemanha e hoje é chamada Toszek, localizada na Polônia. Ele foi um neurologista e neurocirurgião de origem alemã, considerado o “pai dos Jogos Paralímpicos” por seu trabalho pioneiro em esportes para pessoas com diversidades. Ele atuou na unidade de Lesões Medulares do hospital de Stoke Mandeville, utilizando o esporte como prática de reabilitação. De acordo com Winckler (2018, p.177)

Guttman aproveitou o dia 29 de julho de 1948, data da abertura dos Jogos Olímpicos de 1948, para realizar os Jogos de Stokemandeville. As edições posteriores desse evento foram marcadas por uma internacionalização e em 1960 sua nona edição internacional foi realizada na cidade de Roma, logo após os Jogos Olímpicos. Este evento ficou reconhecido como os primeiros Jogos Paralímpicos da história. Desse modo o movimento paralímpico teve seu conceito inicial baseado num modelo centrado nas práticas de reabilitação e de lazer.

O termo paralímpico foi estabelecido na segunda edição dos jogos, no ano de 1964. Na edição dos jogos de 1976 o prefixo “para” passou a significar paralelo, dessa forma o termo paralímpico equivale a evento paralelo aos Jogos Olímpicos. No Brasil, passou-se a adotar o termo paralímpico ao invés de paraolímpico no ano de 2011. Isso ocorreu devido a necessidade de ajustar a terminologia em razão dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, este alinhamento ajustou o termo empregado no Brasil com o adotado pelo Comitê Paralímpico Internacional e com os demais países de língua portuguesa (WINCKLER, 2018, p.178). Atualmente um acordo realizado entre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) garante que o proponente dos jogos olímpicos, também sedie e organize os jogos paralímpicos.

2.2 - CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL ESPORTIVA E A CHEGADA DO ESPORTE PARALÍMPICO AO BRASIL

Os jogos paralímpicos alcançaram o patamar de maior evento multiesportivo voltado para pessoas com diversidades do mundo. Com níveis cada vez mais altos de audiência, investimentos financeiros mais consistentes e maior nível de competitividade entre os atletas, houve a necessidade de se criar um sistema de classificação funcional para equalizar as

oportunidades de participação e de sucesso, garantindo a igualdade de oportunidades a todos os praticantes do esporte paralímpico, sendo este fator a principal diferença em relação ao esporte olímpico. Esse sistema aloca atletas com as mesmas funcionalidades de movimento e com semelhantes níveis de comprometimento motor, em determinadas classes igualitárias. No entanto, isso também cria barreiras, pois nem todas as pessoas com diversidades são elegíveis para o esporte, para serem aceitas elas demandam apresentar uma diferença mínima ou específica de acordo com a modalidade. Cada modalidade esportiva apresenta um sistema de classificação, pautado em um tipo específico de deficiência e com nomenclaturas próprias (WINCKLER, 2018, p.179).

O esporte paralímpico chega ao Brasil no ano de 1958;

O carioca Robson Sampaio de Almeida no dia 1º de abril de 1958, funda o Clube do Otimismo. Na cidade de São Paulo, no dia 28 de julho do mesmo ano, Sérgio Seraphin Del Grande cria o Clube dos Paraplégicos de São Paulo. Ambos foram realizar sua reabilitação fora do Brasil e voltam com a ideia do esporte na bagagem. O esporte começa a se organizar dentro das instituições de atendimento para pessoas com deficiência e era dividido nas grandes áreas de deficiência (Deficiência Visual, Auditiva, Física e Intelectual) (WINCKLER, 2018, p.180).

A partir da década de 80, o esporte paralímpico passa por um período de grande desenvolvimento no Brasil, alavancado pelas leis que garantiam o acesso das pessoas com diversidades a todos os espaços da sociedade, principalmente após a promulgação da Constituição Federal do Brasil em 1988. O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) foi fundado no ano de 1995, desencadeando diversas possibilidades de participação e formação profissional, organizadas por modalidades esportivas, fortalecendo cada dia mais o esporte paralímpico no Brasil.

2.3 - A BOCHA PARALÍMPICA NO BRASIL E A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL INERENTE À MODALIDADE

De acordo com os historiadores, no Egito antigo e na Grécia, existem registros de atividades de lazer muito semelhantes à Bocha praticada na atualidade. Dalla Déa et al. (2019) salienta que “foi na Itália que a Bocha se tornou modalidade esportiva, rapidamente a prática se espalhou por toda a Europa. A vinda para o Brasil ocorre na década de 1970, quando a Bocha Adaptada começou a ser praticada”. Trazida por imigrantes italianos, por professores de Educação Física, além de profissionais da área de reabilitação, que buscavam novas formas de

inclusão esportiva para pessoas com diversidades físicas e neurodiversidades, com graus de necessidade de apoio diversificados, como a paralisia cerebral combinada com o comprometimento motor nos membros superiores e inferiores.

Inicialmente, a Bocha era utilizada como uma atividade recreativa em centros de reabilitação e escolas especiais, mas logo se expandiu para o contexto competitivo. O desenvolvimento da Bocha Paralímpica no Brasil ganhou força na década de 1980, com a criação de clubes e associações que promoveram a modalidade e organizaram competições regionais e nacionais. Em 1995, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) incorporou oficialmente a bocha ao seu programa de esportes, impulsionando a modalidade e aumentando o número de praticantes e competições. Desde então, o Brasil tem se destacado na Bocha Paralímpica internacionalmente, conquistando diversas medalhas e bons resultados nos Jogos Paralímpicos e em outras competições mundiais. De acordo com definição do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB, 2024), praticada por atletas com distintos graus de paralisia cerebral ou deficiências severas, a competição consiste em lançar as bolas azuis ou vermelhas, o mais próximo possível de uma bola branca, também chamada de bola jack ou bola alvo. Os atletas ficam sentados em cadeiras de rodas e limitados a um espaço (box de 2,5m x 1m), demarcado para fazer os arremessos. É permitido usar as mãos, os pés e instrumentos de auxílio (rampas), e contar com ajudantes (operadores de rampa ou calheiros), no caso dos atletas com maior comprometimento dos membros. As disputas podem ser individuais, em duplas ou por equipes, divididas por gênero masculino ou feminino.

Na Bocha Paralímpica, a classificação funcional é usada para garantir que os atletas compitam em condições de igualdade, considerando o grau de sua diversidade física ou neurológica. A classificação funcional nesta modalidade é dividida em quatro classes principais, de acordo com a funcionalidade e a capacidade motora dos atletas. Sendo elas:

CLASSE BC1: Atletas com paralisia cerebral que têm comprometimento motor nos quatro membros. Podem arremessar a bola com as mãos ou com os pés e precisam de assistência de um auxiliar para estabilizar a cadeira de rodas ou ajudar a posicionar a bola.

CLASSE BC2: Atletas com paralisia cerebral, mas com maior controle motor que os da classe BC1. Eles arremessam a bola com as mãos, sem o auxílio de um assistente durante a partida.

CLASSE BC3: Atletas com limitações motoras severas, que não conseguem arremessar a bola sozinhos. Eles utilizam uma rampa para lançar a bola, e um assistente (chamado de operador de rampa ou calheiro) pode ajudar a posicionar a rampa, mas não pode olhar para o jogo nem dar orientações.

CLASSE BC4: Atletas com outras condições neurológicas e físicas que não sejam advindas de uma paralisia cerebral, mas que afetam fortemente o controle motor dos quatro membros, provenientes de doenças degenerativas ou acidentes com lesões na medula espinhal. Eles arremessam a bola com as mãos e não podem receber assistência durante a partida.

Estas classes ajudam a equilibrar as condições de jogo e garantir uma competição justa, permitindo que os atletas joguem de acordo com suas habilidades funcionais.

A história sobre esta modalidade é rica em versões e suas origens podem ser investigadas nas aulas de Educação Física. De acordo com a perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, desenvolver a noção de historicidade da cultura com todos os estudantes é de suma importância. No caso da Bocha este campo para a pesquisa está em ascensão. É uma modalidade voltada para pessoas com paralisia cerebral, porém possui um alto grau de adaptabilidade, podendo ser praticada e ressignificada por todos os alunos da escola.

Nesse sentido, o conhecimento é tratado de forma a ser retratado desde sua origem ou gênese, a fim de possibilitar ao aluno a visão de historicidade, permitindo-lhe compreender-se enquanto sujeito histórico, capaz de interferir nos rumos de sua vida privada e da atividade social sistematizada (SOARES et al., 1992, p.40).

O esporte deve ser tratado como esporte da escola, pois precisa abranger diversos aspectos e ser acessível para fazer sentido e viabilizar sua aprendizagem nas distintas realidades. “Ressalta-se que as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e suas possibilidades materiais. Isso significa dizer que as mesmas podem ser transformadas no interior da escola” (BNCC, 2018, p.219). Ele deve ser encarado pelo prisma do esporte educativo, que busca a superação dos rígidos códigos e sentidos do rendimento, sobrepujança pela força, repetição de movimentos mecanizados, para ser visto como fenômeno social, questionando suas normas e buscando condições de adaptação à realidade social de cada escola. “Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz ‘a dois’, e de que é diferente jogar ‘com’ o companheiro e jogar ‘contra’ o adversário” (SOARES et al., 1992, p.71).

Esporte adaptado é um termo utilizado no Brasil, consistindo em possibilidades de prática para pessoas com diversidades ou qualquer outra condição impeditiva de se praticá-lo. “Já o termo Esporte Paralímpico designa as modalidades adaptadas que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos” (COSTA E SILVA et al., 2013).

2.4 - A BOCHA PARALÍMPICA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

O debate sobre a diversidade nas escolas é um tema previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como possibilidade de articular conhecimentos e favorecer o desenvolvimento de habilidades, valores e atitudes de respeito ao próximo. Este tema é expressado em uma das dez competências gerais da BNCC. A 9ª competência (BRASIL, BNCC, 2018, pg.10) expressa a necessidade de:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece a relação entre as competências e diretrizes que são comuns nas redes de ensino, com os currículos que são diversos. Segundo a BNCC, as decisões pedagógicas precisam ser orientadas para o desenvolvimento de competências. Ela determina as bases daquilo que os estudantes devem saber, e daquilo que eles devem saber fazer. Dentre as competências a serem alcançadas pelos estudantes da Educação Básica, encontra-se a necessidade de reconhecer que a aprendizagem com as diferenças e as diversidades é uma necessidade premente. “A escola, como espaço de aprendizagem e democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades” (BRASIL, BNCC, 2018, p.14). A BNCC do Ensino Fundamental – Anos iniciais, valoriza e recomenda as situações lúdicas de aprendizagem e apresenta dez competências específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental. Dentre elas, podemos citar 3 competências que estão em consonância com os pressupostos desta pesquisa. São elas:

- Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
- Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
- Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.

A temática dos Esportes reúne as manifestações formais e também suas derivações, prevendo a possibilidade de adaptação para se encaixar nas mais diversas realidades educacionais do país. “Como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se

envolve com ele” (BRASIL, BNCC, 2018, p.215). Ele se baseia nos critérios de cooperação, interação com os adversários, desempenho motor e objetivos táticos da ação. As modalidades esportivas são divididas em sete categorias, sendo que a modalidade elencada como tema de nossa pesquisa e do nosso produto educacional, a Bocha Paralímpica, se encaixa na categoria dos “Esportes de Precisão”. Consideramos importante descrever esta categoria esportiva, conforme expressada na BNCC (BRASIL, 2018, p.216)

Esportes de Precisão: conjunto de modalidades que se caracterizam por arremessar/lançar um objeto, procurando acertar um alvo específico, estático ou em movimento, comparando-se o número de tentativas empreendidas, a pontuação estabelecida em cada tentativa (maior ou menor do que a do adversário) ou a proximidade do objeto arremessado ao alvo (mais perto ou mais longe do que o adversário conseguiu deixar), como nos seguintes casos: **bocha**, curling, golfe, tiro com arco, tiro esportivo etc.

Podemos observar que dentre as modalidades apresentadas no conjunto dos “Esportes de Precisão”, a Bocha Paralímpica se apresenta como uma opção de fácil acesso e grande adaptabilidade, conforme demonstrado nas imagens abaixo produzidas por inteligência artificial, que expressam momentos de aulas adaptadas, mostrando alguns estudantes sentados em cadeiras comuns e jogando Bocha, integrados a crianças com diversidades, usuárias de cadeiras de rodas e mediados pelos professores de Educação Física.

Figura 9: estudantes com diversidades jogando bocha na aula de Educação Física



Figura 10: estudante com paralisia cerebral jogando Bocha na aula de Educação Física



Fonte: Inteligência artificial (2024)

2.5 - PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O planejamento pedagógico é uma das principais ações para alcançarmos nossos objetivos de produzir saberes consistentes e aprendizagens significativas na escola. No planejamento de qualquer atividade, podemos prever imprevistos e desenvolver estratégias variadas para mediar saberes que favoreçam as diferentes formas de aprender, dos mais diversos estudantes. Porém, planejar demanda conhecimento do processo educativo, intencionalidade no ato de produzir saberes junto aos discentes e clareza de onde se quer chegar.

O planejamento é um dos primeiros atos do processo educativo, pois além de prever as ações que iremos realizar, ele possibilita uma maior organização pedagógica dos conteúdos a serem ministrados no ano, no bimestre, na semana ou mesmo no dia. O planejamento é permanente, processual, voltado para o futuro e para o (re)direcionamento de nossas ações pedagógicas. O planejamento não é neutro, ele é parte de uma consciência social e coletiva, focado no papel político da transformação dialética da realidade presente e futura, sem desprezar as aprendizagens e experiências do passado. Planejar é se colocar à frente, prever ações futuras, uma antecipação dos objetivos esperados. O planejamento não é algo engessado, fechado, imutável, pelo contrário, ele se compromete com a mudança por meio das experiências práticas e da superação dos problemas e contradições observadas no ambiente escolar. É uma atividade de reflexão do trabalho docente, conectado aos objetivos de ensino e à avaliação processual da aprendizagem. De acordo com Libâneo (1994, p.222) “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Elencamos o planejamento pedagógico como uma das categorias de análise da pesquisa, pois acreditamos que é por meio desta ação que o professor deve se ater ao seu papel social de agente das mudanças e transformações, contemplando a cultura paralímpica, a conscientização sobre o respeito às diferenças e o ensino dos esportes paralímpicos em suas aulas, como forma de desenvolver o diálogo sobre a inclusão e contribuir com a construção de um mundo mais justo para todos. Soares et al. (1992, p.87) aponta para a correlação entre as experiências pedagógicas ocorridas nas aulas de Educação Física e os comportamentos sociais observados além dos muros da escola, ao afirmar que “entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social”. Segundo o Coletivo de Autores, “os conteúdos da cultura corporal a serem apreendidos devem emergir da realidade dinâmica e concreta do mundo do aluno”.

O planejamento pedagógico precisa estar conectado aos anseios de uma escola democrática, que atenda às necessidades de cada estudante, respeitando e se adaptando aos diversos ritmos e diferentes formas de aprender.

A escola Democrática, portanto, é aquela que possibilita a todas as crianças a assimilação de conhecimentos científicos e o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de modo a estarem preparadas para participar ativamente da vida social (na profissão, na política, na cultura). Assim, as tarefas da escola, centradas na transmissão e assimilação ativa dos conhecimentos, devem contribuir para objetivos de formação profissional, para a compreensão das realidades do mundo do trabalho; de formação política para que permita o exercício ativo da cidadania (LIBÂNEO, 1994, p.227).

O professor de Educação Física tem papel de destaque na produção de uma cultura escolar orientada para a inclusão e para o reconhecimento da cultura paralímpica. A aula de Educação Física deve ser encarada como prática da diferença, buscando na diversidade de corpos, a riqueza de se construir um projeto coletivo de ensino, que favoreça o desenvolvimento de todos os alunos.

Essas dicotomias humanas proporcionam a expressão de novas formas de conhecimento nas relações estabelecidas, proporcionando e potencializando diferentes maneiras de convivência que resultam em sentimentos humanos como respeito, compaixão, cooperação, entre outros, efetivando a inclusão sob viés humanizado, olhando, pensando e agindo para, pelo e com o outro (BARRETO, 2023, p.4).

Conceber uma escola que promova a educação para a inclusão e para a cidadania, é repensar metodologias e ações pedagógicas que contemplem a formação integral e a emancipação todos os alunos, sem distinção, respeitando as diferenças ou singularidades diversas, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Realizar a inclusão nas aulas de Educação Física não é apenas adaptar essa disciplina escolar para que uma pessoa considerada como sendo diferente possa participar da aula, “é adotar uma perspectiva educacional cujos objetivos, conteúdos e métodos valorizem a diversidade humana e que esteja comprometida com a construção de uma sociedade inclusiva” (CHICON, 2008, p.28).

2.6 – O DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM (DUA) NO CONTEXTO DA PESQUISA DE CAMPO: RUMO A UMA ESCOLA CADA DIA MAIS DEMOCRÁTICA

Na busca por um design de lugares e objetos mais inclusivos e pela diminuição ou anulação das barreiras que pudessem impedir o desenvolvimento individual de todas as pessoas, surge nos Estados Unidos uma abordagem denominada como Desenho Universal (DU). O movimento foi iniciado por arquitetos na década de 70, creditado a um grupo de professores da Universidade de Harvard. Estes ideais surgiram de debates que ganharam visibilidade após a Segunda Guerra Mundial, sobre a criação de projetos que atendessem a todas as pessoas, independentemente de suas diferenças e necessidades, sobretudo devido ao número expressivo de ex-combatentes que retornaram aos Estados Unidos com alguma deficiência (GÓES et al., 2022, p.25).

Inicialmente, o movimento buscava disseminar designs mais inclusivos na concepção de edificações, produtos e projetos de uma maneira geral, que pudessem atender ao maior número de pessoas, tornando sua vida mais simples e participativa, como por exemplo, as rampas de acesso a diferentes níveis de altura. A ideia central deste movimento, direcionava para o planejamento de todo projeto como algo fundamental, tendo a “acessibilidade” como ponto central de sua concepção. Pessoas com mobilidade reduzida, assim como as pessoas com diversidades, seriam contempladas em todos os quesitos da vida social, com planejamentos voltados para a heterogeneidade e não para contextos homogêneos.

Dessas discussões em movimentos internacionais nasceram as leis de acessibilidade, pautadas nos princípios do Desenho Universal, garantindo que as barreiras fossem desfeitas (GÓES et al., 2022, p.25). Os princípios do Desenho Universal repercutiram na área da educação, com a finalidade de eliminar ou diminuir barreiras metodológicas para a aprendizagem, a fim de atender igualmente todos os estudantes (GÓES et. al., 2022, p.28).

O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) é uma abordagem inclusiva que surge nesse contexto, visando garantir que todas as pessoas, independentemente de sua condição fisiológica, pudessem participar da dinâmica social de maneira significativa e acessível, buscando romper com o conceito utópico de homem-padrão, que não atende à realidade do homem real.

Assim como a área da educação se apropriou deste modelo prático, na busca por ampliar os conhecimentos e as oportunidades de cada discente a partir do planejamento pedagógico

pregresso e contínuo, a área da Educação Física também deve se pautar nessa tendência, pensando em todas as ações para trazer acessibilidade para o maior número de pessoas. Aplicar o DUA na Educação Física envolve planejar e adaptar aulas para acomodar diferentes habilidades, necessidades e interesses dos estudantes, proporcionando a todos, oportunidades justas de aprendizado e desenvolvimento físico.

A utilização do DUA na Educação Física consiste em aplicar os princípios de engajamento, representação, ação e expressão em atividades que envolvam a cultura corporal do movimento a fim de tornar a disciplina de Educação Física acessível a todos os alunos (OLIVEIRA et al., 2022, p.79).

A Educação Física é um componente curricular de suma importância e precisa se adaptar continuamente ao processo de inclusão e (re)adaptação curricular, em uma perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal de movimento. Nessa abordagem, o ato de educar prevê uma constante reflexão pedagógica sobre o acervo de movimentos e representações corporais produzidas no decorrer da história, como os jogos e brincadeiras, as danças, a ginástica, as lutas, as práticas corporais de aventura e dentre elas encontram-se também os esportes, distribuídos em suas sete categorias, conforme define a BNCC. Sendo assim, o esporte paralímpico visto como fenômeno social e cultural, precisa ser ensinado, debatido e praticado nas escolas de Educação Básica, pois faz parte do acervo histórico da cultura corporal de movimento.

A materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola (SOARES et al., 1992, p.39).

O esporte paralímpico pode ser utilizado como pauta para o debate sobre a inclusão das diversidades na escola. O domínio dos elementos táticos e técnicos, apesar de importantes, não é a grande finalidade dessa temática, que deve ser pautada em valores éticos, posicionamento crítico e senso de coletividade, onde “o ensino e a aprendizagem tem como referência básica o ritmo particular de cada aluno” (SOARES et al., 1992, p.42).

A construção do conhecimento nas aulas de Educação Física sugere uma constante reflexão sobre a cultura corporal humana, sendo o esporte uma expressão corporal, uma linguagem importante na história humana, patrimônio cultural que precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos nas escolas (SOARES et al., 1992, p.42). Assim, a ausência do esporte paralímpico nas aulas de Educação Física, impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DA PESQUISA E O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO CAMPO DAS PRÁTICAS SOCIAIS

A pesquisa social e qualitativa é composta por ciclos, que nos permite projetar avanços e melhorias em nosso referencial teórico, conforme o trabalho se delinea. Para Minayo (1994, p.27) “Certamente o ciclo nunca se fecha, pois, toda pesquisa produz conhecimentos afirmativos e provoca mais questões para aprofundamento posterior”.

Com nosso lócus investigativo já definido, realizamos uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo, utilizando os instrumentos ou métodos de investigação e de coleta de dados mais adequados para este estudo, que nos auxiliaram na compreensão do problema apresentado, sendo eles: a observação participante nas aulas de Educação Física, entrevistas semiestruturadas com os professores de Educação Física que são os sujeitos de nossa pesquisa, e também a análise documental das recomendações legais que norteiam o ensino na Educação Básica, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), utilizando também o diário de campo e o grupo de virtual de debate pelo aplicativo whatsapp, como estratégia para dialogar com os professores de Educação Física da escola e para captar as minúcias observadas no campo da pesquisa.

Promovemos ao final do processo uma intervenção no campo da prática, onde foi realizado um momento formativo, com diálogos entre professores e os discentes sobre o movimento paralímpico, mediando vivências de atividades práticas com a bocha paralímpica, uma modalidade oficial voltada para pessoas com diferentes níveis de paralisia cerebral e comprometimento motor nos membros superiores e inferiores.

Idealizamos um estudo de caso como estratégia metodológica para esta pesquisa qualitativa. Trata-se de uma pesquisa social, dessa forma “é necessário afirmar que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo” (MINAYO, 1994, p.15). A pesquisa social percorre um ciclo de pesquisa em espiral, que “começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações” (MINAYO, 1994, p.26). O problema que deu origem a essa pesquisa, questiona se os professores de Educação Física do Ensino Fundamental reconhecem a importância da inclusão escolar e de que forma eles atuam na produção de saberes individuais e coletivos acerca dos esportes paralímpicos em suas aulas.

Segundo Minayo (1994, p.17) “precisamos de parâmetros para caminhar no conhecimento”. A abordagem qualitativa tem o ambiente natural das práticas sociais como sua

fonte direta de dados, os dados coletados são predominantemente descritivos, portanto fizemos uso do “diário de campo” em todas as incursões no campo da pesquisa. De acordo com Lüdke e André (1986, p.12) “A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas”. Para as autoras, é preciso capturar a perspectiva dos participantes, ou seja, “a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”.

Para ser incluso nessa pesquisa, o participante deveria ser professor de Educação Física nas turmas da primeira fase do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Guiomar Rosa de Oliveira. Vedamos a participação na pesquisa aqui citada, de qualquer indivíduo que não atenda aos requisitos citados nos critérios de inclusão de participantes.

Segundo relata Lüdke e André (1986, p.21), um estudo de caso se divide basicamente em 3 fases: uma primeira denominada como fase exploratória, a segunda fase engloba a coleta de dados e a terceira consiste na análise e interpretação sistemática dos dados.

Na fase exploratória, buscamos anuência para a realização da pesquisa na Secretaria de Educação do município de Aparecida de Goiânia, nos atendo aos princípios da maleficência e da beneficência e demais critérios éticos assegurados pela submissão do projeto dessa pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás.

Na segunda fase, utilizamos os seguintes métodos para coleta de dados: observação participante, entrevistas com os professores participantes e análise documental.

A observação seguiu um roteiro planejado para captar o máximo de informações sobre o problema apresentado. De acordo com Lüdke e André (1986, p.25-26) “cabem ainda nessa etapa as decisões mais específicas sobre o grau de participação do observador, a duração das observações, etc”. Para as autoras, “pode acontecer que o pesquisador comece o trabalho como um espectador e vá gradualmente se tornando um participante” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.28). O conteúdo das observações, buscou detalhar o que ocorre na prática quando se trata da inclusão de crianças com diversidades nas aulas de Educação Física e sobre a produção de conhecimentos relativos à cultura paralímpica e paradesportiva por parte dos professores e seus alunos. Julgamos importante observar os sujeitos, reconstruir os diálogos, descrever a acessibilidade dos locais de aula, as atividades e situações específicas vividas pelos professores pesquisados. A parte reflexiva das anotações inclui os sentimentos e as impressões, dúvidas ou incertezas percebidas pelo observador. As observações foram captadas por anotações escritas, gravações e fotografias.

Ao lado da observação, a entrevista se configurou como um dos principais instrumentos para coleta dos dados dessa pesquisa. Ela prevê uma interação entre pesquisador e pesquisado “havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.33). O roteiro semiestruturado permite que o entrevistador realize as adaptações necessárias, conforme a entrevista se desenvolve, sempre atento aos preceitos éticos e com total respeito pelo entrevistado. O roteiro de perguntas foi necessário para guiar a entrevista através dos tópicos principais a serem cobertos.

A terceira fase da pesquisa ocorreu com a análise de todos os dados coletados na pesquisa de campo, que aliados ao aporte teórico, deram os presentes direcionamentos teóricos do estudo, destacando os achados e a construção das categorias descritivas do tema em destaque, possibilitando a produção do relatório final e da conclusão deste trabalho de pesquisa.

3.1 – A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NO CAMPO DA PESQUISA

A pesquisa de campo ocorreu na Escola Municipal Guiomar Rosa de Oliveira, localizada no Jardim Maria Inês, no município de Aparecida de Goiânia, estado de Goiás.

Nossa **primeira ação** no direcionamento da pesquisa de campo, teve início no departamento pedagógico da SEDUC, em busca de anuência para a incursão no campo da pesquisa. Neste departamento, fomos bem recebidos e apresentamos nosso projeto de pesquisa, debatemos sobre a possibilidade de realizar diálogos futuros para viabilizar momentos formativos entre os professores de Educação Física da rede de ensino, sobre os esportes paralímpicos como conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física. Recebemos o ofício de anuência para a pesquisa na escola e nos direcionamos para a unidade de ensino que se tornaria o campo de estudo da pesquisa.

Ainda na fase exploratória, visitamos a unidade escolar e conversamos com o grupo gestor da escola e também com a professora responsável pelo AEE, atendimento educacional especializado. Nessa visita inicial, apresentamos nosso projeto de pesquisa para a direção e para a coordenação da escola, recebendo anuência para a realização da pesquisa na escola. Fomos informados nessa **primeira visita**, que a escola possui diversos estudantes com múltiplas diversidades, que recebem acompanhamento educacional especializado por parte das professoras de apoio e que participam ativamente das aulas de Educação Física, dentro de suas possibilidades. Observamos algumas crianças com diversidades no recreio da escola, usuários

de cadeira de rodas, TEA⁵, diversidades físicas. Eles brincavam integrados com as outras crianças, observados por suas professoras de apoio. Segundo Minayo (1994, p.59)

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos, o observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto.

Passamos a observar a estrutura física da escola, desde sua entrada principal até a entrada da quadra esportiva, onde geralmente são realizadas as aulas de Educação Física. Com foco na acessibilidade ou nas barreiras físicas que possam dificultar o acesso aos espaços da escola, notamos que apesar de se localizar em um terreno acidentado, todos os caminhos internos da escola contam com *rampas de acesso*, atendendo aos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). A acessibilidade é possível na biblioteca, na cantina da escola, no pátio, na secretaria, nas salas de aula e na quadra, conforme podemos observar nas fotos a seguir:

Figura 1 - Vista externa da rampa de acesso da entrada da escola



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Figura 2 - Vista interna da rampa de acesso da entrada da escola



Fonte: arquivo pessoal (2024)

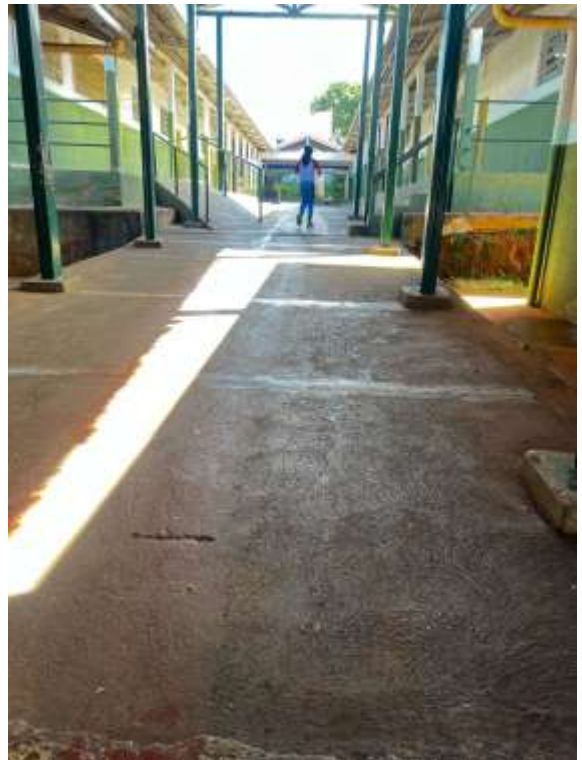
⁵ TEA - Transtorno do Espectro Autista

Figura 3 - Rampa de acesso ao pátio da escola



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Figura 4 - Corredor de acesso à quadra esportiva



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Figura 5 - Vista das rampas de acesso das salas de aula para o pátio da escola



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Figura 6 - Vista das rampas de acesso das salas de aula para o pátio da escola



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Na **segunda visita** ao campo da pesquisa, nos reunimos com os professores de Educação Física na escola e fizemos uma introdução sobre os principais aspectos da pesquisa. Foram feitas as considerações éticas e o convite para os professores participarem da pesquisa. Nessa fase, apresentamos o desenho global da pesquisa e os dados de identificação do pesquisador principal e da orientadora deste trabalho, explanando sobre os riscos e os benefícios diretos e indiretos da participação na pesquisa, explicitando nossos objetivos e nossas justificativas na produção deste estudo e deixando a liberdade de participação a critério dos sujeitos da pesquisa, sem que a mesma sofra prejuízo em sua continuidade. Após sua aprovação para participarem como sujeitos da pesquisa, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde explicitamos que este estudo se ateve aos princípios éticos necessários para o bom andamento do trabalho e então colhemos a assinatura dos professores neste termo.

Observamos algumas aulas de Educação Física das turmas do 1º e 2º anos e pudemos notar a presença de vários estudantes com diversidades participando das atividades propostas pelos professores, crianças com diversidades motoras ou intelectuais, naturalmente integradas ao ambiente educativo da escola. Observamos um grande interesse das crianças de maneira geral pelas atividades propostas pelos professores de Educação Física. Existe um censo de pertencimento dos alunos considerados diferentes, que se manifesta por meio de sua alegria em fazer parte do grupo e pela fluidez de seus gestos e movimentos nas aulas de Educação Física. De acordo com Alves e Duarte (2019, p.25)

A inclusão nas aulas de Educação Física pode abranger conteúdos curriculares e práticas da aula diferenciadas para alunos com deficiência desde que estes se sintam pertencente ao grupo. A inclusão nas aulas de Educação Física deve ser compreendida como a prática conjunta em alguns momentos e a prática diferenciada em outros, respeitando-se a aprendizagem de qualidade para o aluno de acordo com as suas necessidades.

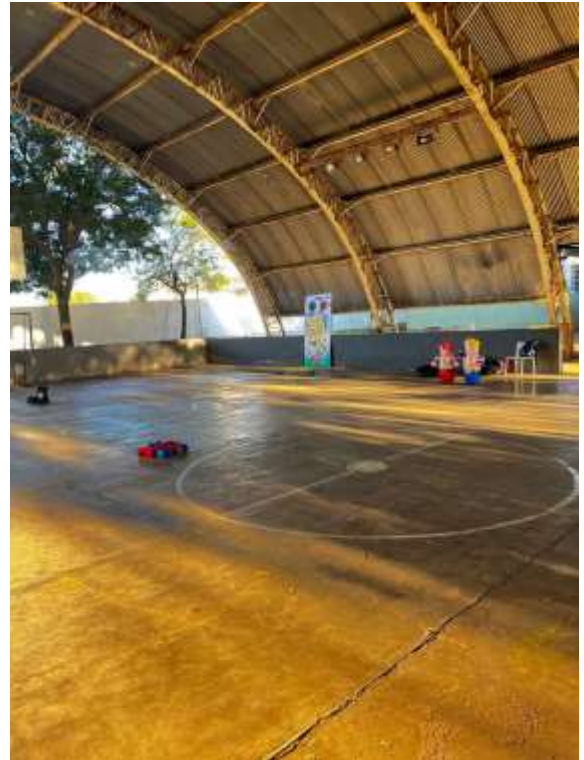
A escola conta com uma quadra grande e coberta, possibilitando o desenvolvimento das aulas de Educação Física neste ambiente, de maneira confortável e acessível para todos. Uma das professoras participantes da pesquisa atua também em uma escola especial do município de Aparecida de Goiânia, demonstrando grande familiaridade com os temas relacionados à educação das pessoas com diversidades. Veja abaixo algumas fotos da acessibilidade aos espaços da escola:

Figura 7 – Foto da quadra coberta da escola campo da pesquisa



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Figura 8 – Foto da quadra sendo preparada para a culminância pedagógica sobre Esporte Paralímpico nas aulas de Educação Física



Fonte: arquivo pessoal (2024)

Os professores participantes da pesquisa, passarão a ser denominados como professora 1 e professor 2. Eles atuam nos dois turnos da escola, matutino e vespertino. Geralmente se encontram nos momentos festivos da escola, nas reuniões de planejamento, nos eventos que a escola participa e se comunicam basicamente por aplicativo virtual de trocas de mensagens.

A professora 1 se graduou em uma universidade particular e o professor 2 concluiu sua graduação em uma universidade pública estadual, ambos ingressaram na carreira docente por meio de concurso público e possuem estabilidade no cargo e expectativa de longevidade na função que exercem.

Na **terceira visita** ao campo da pesquisa, continuamos realizando as observações e demos início às entrevistas com os professores de Educação Física da escola, que atuam nas turmas de 1º e 2º ano da primeira fase do ensino fundamental. Os **próximos dois encontros** foram para observar as aulas, dialogar com os professores sobre as possibilidades de trabalho com os esportes paralímpicos de acordo com a BNCC e aplicar as entrevistas; e assim planejamos o dia da culminância da cultura paralímpica na escola, onde os professores dialogaram com os estudantes sobre este tema, debatendo sobre o movimento paralímpico e os

Jogos Paralímpicos de Paris, preparando a turma para a realização de atividades práticas que constam no Produto Educacional que apresentamos junto a este trabalho, uma sequência didática a ser disponibilizada na internet, que aborda conhecimentos a respeito da *Bocha Paralímpica*, um esporte paralímpico oficial, que apesar de parecer complexo, é de fácil adaptação nas diferentes realidades das escolas, sendo uma das poucas modalidades reconhecidas como “**Esporte de Precisão**”, que pode ser trabalhada e contextualizada nas aulas de Educação Física. Aproveitamos este último encontro para testar nosso Produto Educacional, conforme indicação do PPGEEB – Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica da UFG, totalizando 6 visitas ao campo de pesquisa.

3.2 – ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARTICIPANTES DA PESQUISA

As entrevistas foram realizadas com os professores de Educação Física da Unidade Escolar selecionada para a realização deste estudo. Os professores são servidores efetivos da Rede Municipal de Ensino de Aparecida de Goiânia e concordaram em participar ativamente dessa pesquisa, expressando sua permissão no ato da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os professores atuam há mais de dez anos nesta rede de ensino e desenvolvem suas aulas nas turmas de primeira fase do ensino fundamental (1º ao 5º ano). As entrevistas foram realizadas nos intervalos das aulas de Educação Física, no campo da pesquisa, foram gravadas e seguiram um roteiro semiestruturado de questões, que foram ganhando contornos distintos no decorrer do trabalho. Realizamos a transcrição literal das mesmas, para realizar o devido tratamento dos dados coletados na pesquisa de campo e formular as ações interventivas na escola, viabilizando a conclusão do produto educacional. A transcrição literal das entrevistas, se encontra nos anexos desta pesquisa.

As questões direcionadas aos professores buscaram compreender os seguintes aspectos de sua prática pedagógica:

- Se eles já atuaram em turmas inclusivas, com a presença de crianças com diferentes diversidades;
- Se eles tiveram contato com saberes específicos sobre o esporte paralímpico ou adaptado durante sua graduação em Educação Física. Em casos afirmativos, em qual disciplina ocorreu;
- Se eles conhecem as recomendações específicas para o esporte paralímpico na LDB e na BNCC;

- Se eles conhecem a dinâmica de funcionamento, as regras básicas e o desenvolvimento das principais modalidades paralímpicas da atualidade.
- Se eles planejam e executam alguma atividade que aborde o movimento paralímpico ou as modalidades paralímpicas em suas aulas.
- Se na Rede Municipal de Educação do município de Aparecida de Goiânia existe alguma ação para promover a formação de professores para a inclusão, que aborde o esporte paralímpico no contexto escolar e as modalidades paralímpicas na escola.

3.3 - ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa empírica ou de campo é um dos momentos mais importantes de um trabalho científico, pois aproxima o pesquisador do contexto real das práticas sociais que fazem parte do estudo, explicitando fatos e contradições e relações de causa e efeito, que podem auxiliar na compreensão dos problemas elencados na pesquisa.

As incursões realizadas no campo social das práticas, possibilitaram uma conexão e uma parceria importante entre pesquisador e os professores que aceitaram participar como sujeitos desta pesquisa, construindo caminhos conjuntos e diálogos coletivos na reflexão que se iniciou ainda na fase exploratória deste estudo.

Elencamos como objetivo geral desta pesquisa: “conhecer as concepções dos professores de Educação Física a respeito da inclusão e da diversidade nas escolas e entender de que forma eles atuam na produção de saberes individuais e coletivos acerca dos esportes paralímpicos em suas aulas”. E foi nessa direção que desenvolvemos a pesquisa de campo, dialogando com o departamento pedagógico da SEDUC de Aparecida de Goiânia, dialogando com o grupo gestor da escola, professores do AEE, professores de apoio, mas principalmente, acompanhando os professores de Educação Física no campo social da prática, onde as trocas sociais ocorrem, no movimento dialético do ensinar e do aprender. Trocamos experiências, dialogamos sobre as dificuldades de se trabalhar com estes conteúdos, mas também sobre os avanços conquistados pelo movimento de inclusão escolar no decorrer dos anos.

O contato com os professores de Educação Física, sujeitos da pesquisa, foi muito tranquilo e fluíu com naturalidade, eles demonstraram grande abertura e confiança na relação estabelecida com o pesquisador, facilitando o desenvolvimento do diálogo, das ponderações e das reflexões que fizemos juntos no decorrer deste estudo. Em todos os encontros, eles demonstraram um posicionamento de amor pela profissão, abertura para o novo, interesse em

aprender, postura ética, consciência social, sensibilidade com a inclusão e respeito pela diversidade. A observação das trocas sociais ocorridas no campo da pesquisa foi de grande valia para nosso entendimento sistêmico a respeito das complexas relações que ocorrem na escola.

A escola dispõe de acessibilidade para os diversos estudantes, programas específicos como o Atendimento Educacional Especializado, possui uma quadra coberta e acessível e possui diversos educandos com diversidades, matriculados e integrados nas diferentes salas.

Os professores demonstraram dificuldades para incluir os esportes paralímpicos na sua rotina de trabalho, devido à escassez de material e de formação profissional específica sobre o esporte paralímpico.

A partir da análise das entrevistas, percebemos que os professores recebem anualmente diversas crianças com diversidades, eles relataram que nos últimos anos esse número tem aumentado.

A professora 1 relatou conhecer as recomendações legais que obrigam a matrícula das crianças com diversidades nas escolas comuns, entendendo que assim elas aprendem e se desenvolvem junto aos seus pares. Para ela o esporte paralímpico deve ser trabalhado com todos os alunos independente de sua condição pessoal, pois se trata de uma questão de direitos. A professora relatou também que existe dificuldade para desenvolver o esporte paralímpico na escola devido à escassez de conteúdos específicos em sua formação inicial e continuada sobre o tema. De acordo com ela, durante sua graduação, apenas uma disciplina abordou os conhecimentos sobre atividade física adaptada. Ela costuma trabalhar com adaptação nos esportes convencionais e criar situações para que os estudantes experimentem as dificuldades cotidianas e as restrições que a diferença gera nas pessoas, desenvolvendo a empatia, a capacidade de se colocar no lugar do outro, agindo sempre com cortesia e respeito. Porém, o esporte paralímpico em si, ela relata que não teve ainda a oportunidade de desenvolver em suas aulas.

Em relação ao planejamento pedagógico das atividades, nossa primeira categoria de análise elencada nesta pesquisa, ela relata que contempla a abordagem aos esportes paralímpicos de maneira verbal, utilizando vídeos, explicando que este fenômeno existe, porém, no campo das práticas ela ainda não aborda o esporte paralímpico, justificando essa ausência por questões como falta de material e de tempo pedagógico para tais atividades, então ela só aborda o conceito geral desta matriz esportiva.

A respeito de nossa outra categoria de análise, a questão da formação profissional, ela justifica que já está na rede de ensino há muitos anos e nunca houve formação voltada

exclusivamente para atender as pessoas com diversidades e que realiza essas pesquisas por iniciativa própria. A professora relatou que nunca participou de nenhum curso específico oferecido por entidades como o comitê paralímpico brasileiro e que conhece o esporte paralímpico através dos meios de comunicação mais populares, como a internet e a televisão.

De acordo com o professor 2, ele já atuou em várias turmas que eram integradas por alunos com diversidades. Ele relatou conhecer as principais leis que regulamentam a questão da inclusão escolar, como por exemplo a LDB e a BNCC.

Sobre a aprendizagem de conteúdos relacionados ao esporte paralímpico durante a sua graduação, objeto de nossa categoria de análise, o professor 2 mencionou que teve contato com o esporte paralímpico em uma disciplina chamada Educação Física e Inclusão, trazendo referências sobre a modalidade Goalball. Importante notar que esta modalidade vivenciada durante sua formação inicial, foi relatada por ele como sendo a experiência que ele levou para suas aulas de Educação Física na escola. Questionado sobre a formação continuada acerca da inclusão das diversidades nas aulas de Educação Física e a cultura paralímpica nas escolas, o professor relatou que não teve acesso a nenhum curso ou formação específica sobre este tema na rede de ensino de Aparecida de Goiânia.

Sobre nossa outra categoria de análise, a questão do planejamento pedagógico, o professor 2 relatou que não teve a oportunidade de abordar temáticas relativas à cultura paralímpica no seu planejamento anual de trabalho. Ele relatou que nunca participou de nenhum curso de formação ofertado por alguma entidade oficial como o CPB, não tem conhecimento sobre o conceito de classificação funcional para os esportes paralímpicos, mas já se deparou com diversos conteúdos sobre este tema em livros didáticos de Educação Física.

Desta forma, podemos notar a estreita relação entre os conhecimentos adquiridos pelos professores durante sua formação, com os conhecimentos produzidos juntamente com os educandos no chão da escola, nas aulas de Educação Física. A formação profissional, tanto em nível de graduação como pós-graduação, cursos de extensão, formação continuada em serviço, são pilares importantes para a mudança de atitude perante a mobilização de conteúdos acerca da cultura paralímpica nas escolas.

O planejamento das atividades guarda estreita relação com a abordagem do Desenho Universal para a Aprendizagem. Ele precisa estar focado na construção de uma escola democrática, com ações que alavanquem a inclusão das diversidades e possibilitem o pleno desenvolvimento de todos os discentes, ampliando a consciência social sobre a cultura

paralímpica e construindo uma nova mentalidade acerca da formação integral de todos os educandos, sem distinção.

3.4 - INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO CAMPO DA PESQUISA: APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL PARA OS ESTUDANTES

A intervenção pedagógica no campo da pesquisa foi realizada pelos professores sujeitos da pesquisa, com nosso apoio logístico e conceitual. Foi nessa ocasião que testamos o Produto Educacional que apresentamos junto a este trabalho. Esta atividade ocorreu dias antes do encerramento do primeiro semestre letivo, após diversas observações no campo da pesquisa, diálogos com os professores, estudos em grupo e planejamento conjunto deste momento de experimentação das atividades propostas no Produto Educacional deste estudo. Foi uma forma de mobilizar os conhecimentos dos professores e sensibilizar os alunos sobre a cultura paralímpica de uma maneira geral, promovendo um grande debate na aula de Educação Física, a partir de simples questões direcionadas para os estudantes, tais como:

- Vocês já ouviram falar nas Paralimpíadas? Podem citar algum esporte paralímpico?
- Vocês sabem o que é a diversidade humana? Conhecem algum colega que vocês consideram diferente aqui na escola?
- Vocês sabem o que é a bocha paralímpica? Gostariam de aprender?

Perante tantas perguntas complexas acerca de um tema novo para a turma, os alunos ficaram pensativos, buscando respostas sem muitas referências em sua história pregressa de vida. Eles souberam citar alguns esportes convencionais mais populares no Brasil, mas não conseguiram citar nenhum esporte paralímpico. Reconhecem a seu modo o conceito de diversidade, visualizam as pessoas com diversidade nas escolas, mas ainda não conhecem as modalidades paralímpicas e ainda não encaram seus pares considerados atípicos, pelo “prisma da eficiência”. Sobre a modalidade de Bocha Paralímpica, houveram duas unanimidades, a primeira é que ninguém conhecia esta modalidade paralímpica, já a segunda unanimidade é que todos estavam dispostos e com muita vontade de aprender um pouco mais sobre a Bocha.

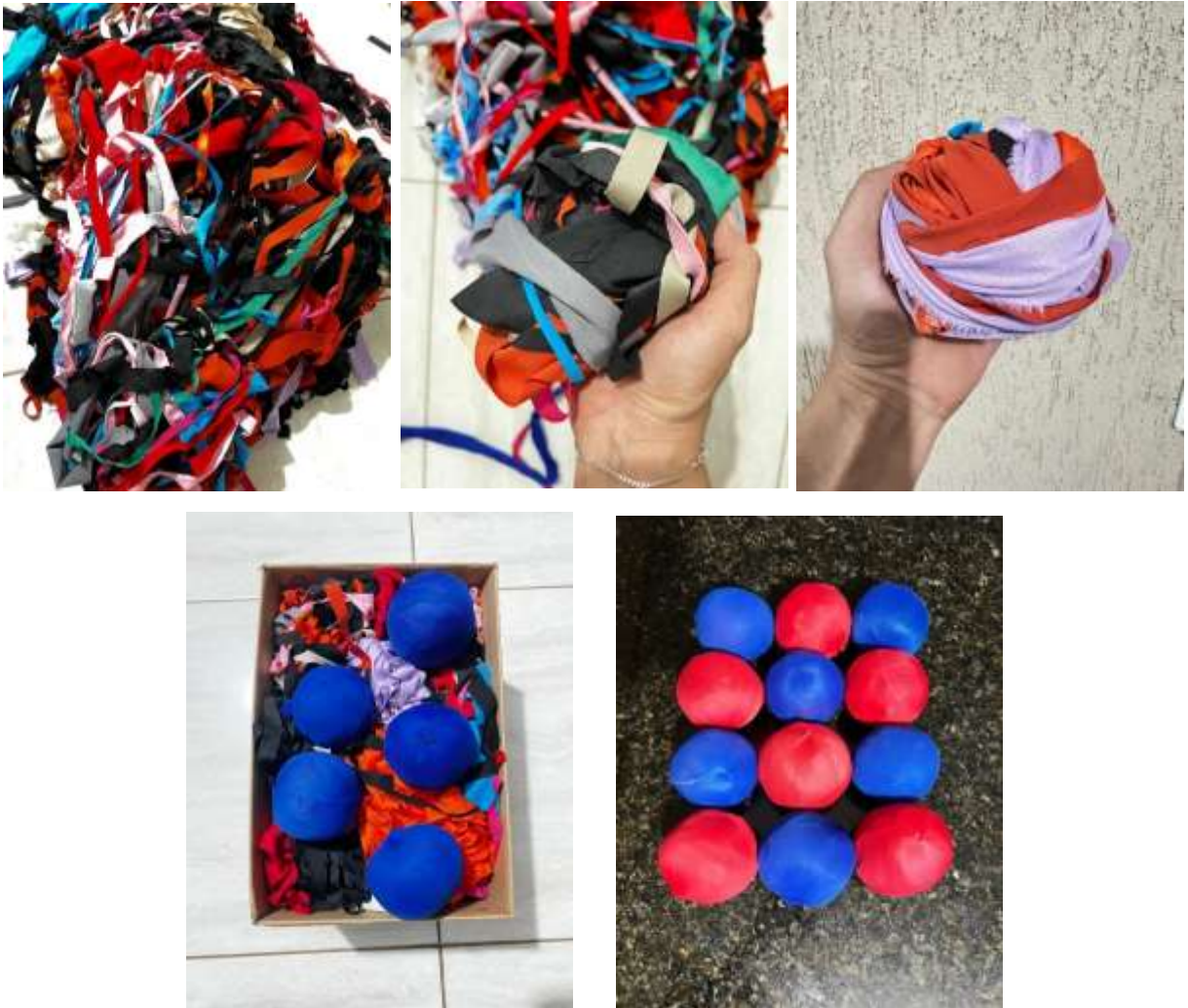
Em conjunto com os professores de Educação Física da escola, desenvolvemos um plano de trabalho para apresentar a Bocha Paralímpica de maneira prática, como conteúdo pedagógico na aula de Educação Física. Este planejamento foi pensado e elaborado juntamente com os professores da escola que participaram deste trabalho, durante as fases iniciais da pesquisa, sendo que nossa proposta foi desenvolver as atividades planejadas neste momento de

debate com as turmas e de conscientização coletiva sobre as diversidades e os esportes paralímpicos na escola.

Na culminância pedagógica, as atividades foram organizadas com o intuito de apresentar a Bocha para os alunos, refletir sobre sua aplicabilidade na aula de Educação Física, refletir sobre os esportes para pessoas com diversidades e aprender alguns dos fundamentos da modalidade de maneira lúdica. As atividades em sala de aula podem ser adaptadas para a situação real deste esporte, que é voltado profissionalmente para usuários de cadeira de rodas, pessoas com paralisia cerebral e comprometimento motor nos quatro membros do corpo. Esta condição funcional pode ser adaptada para a aula de Educação Física, criando atividades nas quais os alunos jogam sentados em cadeiras comuns, vivenciando a situação real dos praticantes e jogando junto a eles, como esporte de participação. Os recursos materiais utilizados nesta intervenção foram produzidos com materiais reaproveitados, como retalhos de tecido, meias, garrafas pet, retângulo de madeira, além dos materiais oficiais da modalidade para serem apresentados aos alunos, como kits de bocha e a rampa de lançamento que é utilizada por pessoas com restrições severas de movimento nos membros superiores e inferiores, para serem apresentados e experimentados por todos os alunos, mas principalmente pelos alunos com alguma diversidade, viabilizando sua participação nas atividades propostas.

Buscamos aplicar o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) na vivência com a Bocha Paralímpica, criando um ambiente de jogo acessível e inclusivo, que permitiu a participação significativa de todos os estudantes, independentemente de suas habilidades e diversidades físicas. O DUA pode ajudar a adaptar instruções, estratégias e equipamentos para promover a inclusão. Alguns exemplos práticos de adaptações que realizamos seguindo os princípios do DUA: produzimos e utilizamos bolas de tecido com diferentes pesos e texturas para facilitar o lançamento; preparamos instruções visuais detalhadas, como marcações no chão, para ajudar no posicionamento dos atletas; utilizamos uma rampa de lançamento ajustável para que os estudantes pudessem controlar o ângulo e a força do lançamento; utilizamos cadeiras convencionais no lugar das cadeiras de rodas, para que os estudantes tivessem a vivência de como é jogar sentado semelhante a uma cadeira de rodas. O DUA na bocha paralímpica garante que o esporte seja verdadeiramente acessível, valorizando a diversidade das habilidades dos estudantes e permitindo que todos participem progridam dentro de suas possibilidades.

Figuras 11, 12, 13, 14 e 15: Produção de bolas de meia com retalhos de tecidos reaproveitados e meias vermelhas e azuis, simulando as cores, tamanho e peso das Bochas oficiais:



Figuras 16, 17 e 18: Materiais utilizados na Intervenção Pedagógica sobre os Esportes Paralímpicos nas aulas de Educação Física, sempre contemplando as cores vermelha e azul, utilizadas na modalidade.



Foram muitas as interações realizadas na aula de Educação Física no dia da culminância sobre os esportes paralímpicos na escola. Os professores assumiram a mediação da aula e relataram surpresa com a participação e envolvimento de todos os alunos nas atividades propostas, demonstrando grande aceitação pela utilização da Bocha Paralímpica, categorizada na BNCC como Esporte de Precisão. Com a realização destas atividades, desenvolvemos algumas habilidades propostas na BNCC para o primeiro bloco do Ensino Fundamental, que tratam dos Esportes de Marca e Esportes de Precisão. As habilidades com seus respectivos códigos foram as seguintes:

(EF12EF05): Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.

(EF12EF06): Discutir a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes.

Os professores assumiram seu papel de mediadores do conhecimento e desenvolveram as atividades juntamente com seus alunos, conforme podemos observar nas imagens a seguir:

Figuras 19 e 20: Professores de Educação Física desenvolvendo atividades com o Esporte Paralímpico nas aulas



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

As atividades foram organizadas de acordo com um planejamento coletivo realizado junto aos sujeitos da pesquisa, voltadas para a conscientização dos alunos acerca da importância de se respeitar e aprender com as diferenças de seus pares, conhecendo uma modalidade paralímpica divertida, que contempla o trabalho com uma categoria esportiva expressa na BNCC, os Esportes de Precisão, aprendendo mais sobre a cultura paralímpica e realizando atividades coletivas voltadas para o conhecimento da modalidade, suas classes funcionais, seus principais fundamentos, além da manipulação dos materiais alternativos e dos materiais oficiais utilizados no desenvolvimento da Bocha Paralímpica.

Figuras 21, 22 e 23: Pesquisador dialogando com os estudantes na Intervenção Pedagógica no campo da pesquisa e crianças participando da atividade



Figuras 24, 25 e 26: Estudante do segundo ano com diversidade motora, vivenciando diferentes formas de arremesso da Bocha durante a intervenção pedagógica na escola. Fonte: Arquivo pessoal (2024)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figuras 27, 28 e 29: Estudantes jogando Bocha, integrados nas aulas de Educação Física com professora de apoio.



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figuras 30, 31 e 32: Crianças participando da aula de Bocca com atividades adaptadas na escola



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

3.5 - SUGESTÕES PARA APROFUNDAMENTO DAS PESQUISAS E DOS CONHECIMENTOS SOBRE O TEMA

- Programa virtual de Formação de professores e técnicos em Esporte Paralímpico do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Site: www.educacaoparalimpica.org.br

- Coleção Inclusão – Ebooks – CIAR/UFG

A coleção inclusão é fruto das inquietações surgidas em prol da acessibilidade, em todos os seus níveis e para todos. Como parte da estratégia de cidadania, a inclusão remete não apenas ao fim da segregação, mas também à finalização de subterfúgios que colocam, nas margens sociais, pessoas que fogem ao cânone da uma normalidade, esta sim há muito desgastada e objetivamente extirpada do conceito de sociedade contemporânea.

Site: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao_inclusao/index.html

- Sugestões de pesquisa: Critérios de classificação, adaptações para diferentes deficiências, impacto na competição.

Recursos: Guias do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) e do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) sobre classificação funcional, artigos acadêmicos sobre biomecânica e funcionalidade.

- Sugestões de pesquisa: História, regras e adaptações de esportes paralímpicos como bocha e outros.

Recursos: Sites oficiais do IPC e do CPB, e também manuais de regras das federações de cada esporte paralímpico.

Sugestões de documentários sobre o Esporte Paralímpico, que são ótimos recursos para entender o universo paralímpico, as trajetórias inspiradoras dos atletas e o impacto social do esporte:

- Rising Phoenix (2020) - Netflix

Explora a história e o impacto dos Jogos Paralímpicos, focando na trajetória de atletas de diferentes países e o poder transformador do esporte paralímpico. Destaca o desenvolvimento do movimento paralímpico desde sua criação por Ludwig Guttmann.

- Murderball (2005)

Documenta o rugby em cadeira de rodas e acompanha a rivalidade entre equipes dos EUA e do Canadá, além das histórias pessoais dos atletas. Este filme mostra os desafios e a intensidade do esporte paralímpico.

- Crip Camp: Revolução pela Inclusão (2020) - Netflix

Embora não seja focado apenas no esporte paralímpico, este documentário fala sobre o movimento de direitos das pessoas com diversidades e seu impacto na sociedade, incluindo o incentivo à prática de esportes como forma de inclusão.

- Documentário “Falas de Acesso”

É um documentário lançado pelo Globoplay em 2023, que explora as vivências e desafios das pessoas com diversidades no Brasil. O documentário reúne histórias reais de brasileiros com diversidades físicas e neurológicas, abordando temas como acessibilidade, inclusão social, educação, mercado de trabalho, e o impacto de barreiras físicas e sociais em suas vidas. Cada personagem compartilha suas experiências e mostra como enfrentam os obstáculos impostos pela sociedade e pela falta de acessibilidade, buscando promover uma reflexão sobre os direitos e a dignidade das pessoas com diversidades. O documentário é uma importante ferramenta para ampliar a conscientização sobre a inclusão e a acessibilidade no Brasil, destacando a importância de políticas públicas e práticas que favoreçam uma sociedade mais inclusiva.

- Paratodos

Adicionado recentemente ao catálogo da Amazon Prime, o documentário, lançado em 2017, mostra a trajetória e desafios de atletas paralímpicos até os Jogos Paralímpicos Rio 2016. O nadador multimedalhista Daniel Dias, os velocistas e medalhistas paralímpicos Alan Fonteles, Yohansson Nascimento e Terezinha Guilhermino são alguns dos esportistas do longa.

- Documentário “História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil”. (2010) - YouTube

O documentário “História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil” foi feito em 2010 e é uma importante fonte de consulta sobre a trajetória das pessoas com diversidades na luta pela conquista e garantia de seus direitos fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A efetivação da equidade dos direitos na educação básica, conforme prevista nas diversas recomendações legais que determinam que os estudantes com diversidades sejam atendidos na rede comum de ensino, ainda não foi plenamente alcançada. Nas aulas de Educação Física, a discussão sobre a presença e a participação efetiva dos educandos com diversidades, precisa superar o simples “estar junto”, rumo a uma construção social coletiva de sucesso, que possibilite a progressão destes estudantes na escola e na vida de uma maneira geral e que amplie o olhar da sociedade para a “eficiência” que as pessoas vistas como “diferentes” podem demonstrar, ao invés de focar exclusivamente em suas limitações ou deficiências.

O esporte paralímpico faz parte do acervo cultural da humanidade, ele pode ajudar a transformar a visão da sociedade sobre as diversidades, promover a inclusão e inspirar um futuro com mais igualdade e oportunidades para todos. De acordo Dalla Déa (2021) “Os Jogos Paralímpicos são atualmente o momento de maior visibilidade da eficiência das pessoas com deficiência por meio do esporte”.

É preciso conscientizar as futuras gerações de que as diferenças precisam ser abraçadas, promovendo a aceitação e a valorização das diversidades na escola, assim como em todos os espaços da sociedade. Dialogar sobre as diferenças incentivando ações de empatia, respeito e tolerância, é primordial para que os estudantes aprendam a respeitar as diferenças.

Muitos valores historicamente observados na área da Educação Física, como a exacerbação da técnica, a padronização dos movimentos, o ideal de corpo perfeito, ainda se contrastam com os princípios da inclusão escolar, mesmo assim, podemos observar progressos notáveis a partir das últimas décadas do século XX e no decorrer do século XXI.

Os desafios enfrentados pelos professores são muitos. É nítido que existem omissões e lacunas na formação inicial e na formação continuada dos professores de Educação Física, que precisam ser estudadas, enfrentadas e solucionadas.

Os professores participantes desta pesquisa relataram que a dificuldade para abordar o esporte paralímpico na escola comum, ocorre devido à escassez de conteúdos específicos sobre o tema em sua formação inicial e continuada. Neste sentido, Pimentel (2012, p.139) afirma que

A ausência de conhecimento do professor sobre as peculiaridades das deficiências, o não reconhecimento das potencialidades destes estudantes e a não flexibilização do currículo podem ser considerados fatores determinantes para barreiras atitudinais, práticas pedagógicas distanciadas das necessidades reais dos educandos e resistência com relação à inclusão.

A qualificação profissional voltada para a inclusão é o primeiro passo para a mudança de mentalidades na área da Educação Física, capaz de promover a conscientização da importância de se desenvolver a cultura paralímpica nas escolas. Segundo Oliveira e Pilatti (2023, p.370)

Apesar da existência de normativas versando sobre a educação inclusiva e diferentes direitos que esses estudantes têm no contexto educativo, o ensino superior não está em consonância com este aparato, uma vez que não fornece suporte o suficiente para que a formação de professores os capacite a oferecer uma vivência de qualidade dentro da sala de aula, sobretudo no que diz respeito aos processos de ensino e aprendizagem.

De acordo com Gonçalves et al. (2020, p.11) “Faz-se necessária uma maior sistematização dos conteúdos a serem abordados durante a oferta das disciplinas relacionadas à Educação Física Adaptada nos cursos de graduação para que a atuação se aproxime dos desafios e realidades da sociedade”.

Sobre a questão do planejamento pedagógico para se trabalhar com o esporte paralímpico nas aulas de Educação Física, os professores relataram que não abordam os conhecimentos sobre a Bocha Paralímpica devido a falta de recursos materiais e de tempo para executar estas ações no âmbito escolar, ou pelo simples fato de contemplar outros conteúdos em detrimento dos esportes paralímpicos. De acordo com Darido e Rangel (2005, p.58)

O planejamento pedagógico nas aulas de Educação Física constitui-se como instrumento fundamental para orientar o trabalho docente, articulando objetivos, conteúdos, estratégias e avaliação, de forma a garantir intencionalidade educativa e evitar ações improvisadas que comprometam o processo de ensino e aprendizagem.

Os professores da Educação Básica enfrentam grandes desafios e dificuldades na tentativa de construir um sistema educacional plural, que abrace e contemple as diferenças. Sobre as dificuldades relatadas pelos professores participantes da pesquisa, como a falta de conhecimentos específicos sobre a inclusão escolar por meio dos esportes paralímpicos, é preciso que as universidades diversifiquem as ações formativas e ampliem os currículos para formar professores inclusivos, capazes de construir uma Educação Física para todos.

As redes de educação básica também precisam cumprir com sua missão de oferecer formação continuada para os professores, visto que as mudanças nos programas educacionais ocorrem com frequência. É preciso que os professores estejam em constante processo de formação e atualização curricular, para acompanhar as demandas da escola contemporânea,

focando na qualificação profissional contínua, no sentido de se instrumentalizar para enfrentar os desafios da inclusão por meio dos esportes paralímpicos.

A formação na área com conhecimento técnico e científico se faz ordinária, uma vez que a relação da pessoa com deficiência na sociedade vem ganhando espaço com direitos e políticas públicas cada vez mais presentes. O lidar com o diferente em uma classe inclusiva é extremamente complicado quando não se têm os instrumentos metodológicos e psicossociais bem trabalhados (GONÇALVES et al. 2020, p.12).

A responsabilidade pelo sucesso da inclusão escolar deve ser compartilhada por todos os integrantes do processo educativo.

Apesar das limitações deste estudo e da pequena amostragem considerada, alcançamos nosso objetivo geral de conhecer as concepções dos professores de Educação Física a respeito da inclusão e da diversidade na escola, estabelecendo diálogos nos campos da teoria e da prática. Por meio deste estudo, conhecemos algumas abordagens pedagógicas dos professores participantes da pesquisa na produção de saberes individuais e coletivos acerca do esporte paralímpico em suas aulas.

Em resposta ao problema apresentado nesta pesquisa, concluímos que os professores de Educação Física reconhecem a importância da inclusão escolar no enriquecimento das relações interpessoais que ocorrem na escola, porém ainda abordam os esportes paralímpicos de maneira superficial. A Bocha Paralímpica ficou à margem do processo educativo, devido a falta de conhecimentos dos professores sobre o tema e a ausência de disciplinas que contemplam os esportes paralímpicos em sua formação inicial.

As contribuições deste estudo se destacam nos campos da teoria e da prática, onde buscamos conhecer a história sobre o surgimento e o desenvolvimento dos esportes paralímpicos na sociedade brasileira, o percurso histórico e as regras da Bocha Paralímpica e as possibilidades de trabalho com esta modalidade na escola, culminando com a criação de um Produto Educacional pedagógico e instrucional em forma de Sequência Didática, voltado para professores de Educação Física escolar, para apresentar estes conhecimentos de maneira prática nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental, contribuindo assim com a disseminação de saberes sobre os esportes paralímpicos, como possibilidade de intervenção pedagógica no componente curricular de Educação Física. Desta forma, acreditamos que este trabalho possa contribuir com a produção de novos conhecimentos sobre a inclusão escolar, por meio dos esportes paralímpicos nas escolas.

O Esporte paralímpico deve ser abordado como um tema gerador do debate a respeito da inclusão das pessoas com diversidades em todos os espaços da sociedade. Deve ser

apresentado aos estudantes das escolas comuns, reconhecendo assim, sua vital importância no combate às desigualdades e na construção de uma escola que realmente abrace as diversidades e produza uma educação para a cidadania e para a autonomia dos mais diversos educandos que dela fazem parte.

Nada sobre eles sem eles. A escola precisa urgentemente ser transformada em um local de acolhimento e de pertencimento de todos os educandos. Os entraves que impedem as diferentes formas de aprender, precisam ser explicitados e combatidos, visto que, aquilo que define a diversidade são as barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam.

A inclusão deve ocorrer em todos os espaços da sociedade, mas principalmente nas escolas e nas aulas de Educação Física, onde a corporeidade ganha destaque e as diversidades físicas e as neurodiversidades são evidenciadas. É nesse contexto que a “eficiência” de cada um precisa ser exaltada e desenvolvida, dentro de suas possibilidades e em sintonia com o meio social. A inclusão deve ser feita e praticada incessantemente pelas pessoas e para as pessoas, de maneira dialógica, respeitosa e fraterna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edson. **O aluno com deficiência na aula de Educação Física: um olhar crítico sobre a inclusão.** In: Educação Física, diversidade e inclusão: Debates e práticas possíveis na escola. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.
- ALVES, Maria Luíza Tanure; FIORINI, Maria Luiza Salzani; JÚNIOR, Rubens Venditti. (Organizadores). **Educação Física, diversidade e inclusão: Debates e práticas possíveis na escola.** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.
- ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO INEP (BRASIL). **CENSO ESCOLAR: Matrículas na educação especial chegam a mais de 1,7 milhão.** Brasil: MEC/INEP, 14 mar. 2024.
- BARRETO, Anderson Cristian; SILVA, Márcio Rafael da; SOUZA, Vânia de Fátima Matias de. **Formação docente e inclusão: professores de Educação Física e olhares sobre estudantes com necessidades especiais.** Revista Eletrônica de Educação, v.17, 1-18, e3898065, jan./dez. 2023.
- BORGMANN, T.; ALMEIDA, J.J. **Esporte Paralímpico na Escola: Revisão de Literatura.** Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 53-68, jan./mar. de 2015.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9394/96. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil - a história que não se conta.** Campinas: Papyrus, 1988.
- CHICON, José Francisco. **Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar.** Revista Movimento. Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 13-38, janeiro/abril de 2008.
- COSTA E SILVA, Anselmo de Athayde, et al. **Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas.** Revista Brasileira Educação Física e Esporte. São Paulo, 2013.
- CORREIA, Giovana Camila Garcia, et al. **Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa.** Ensaios Pedagógicos (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.62-72.
- CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro. **Modalidades Paralímpicas – BOCHA - 2024.**
- DALLA DÉA, Vanessa; DALLA DÉA, Vicente P. B.; LIMA, Marlini Dorneles; MARTINEZ, Jéssica Félix Nicácio; RIOS, Gleyson Batista. **Esporte Educacional [Recurso digital – HTML5]**/Ministério da Cidadania; Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social. – Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

DALLA DÉA, Vanessa Helena Santana, et al. **Participação da pessoa com deficiência intelectual e síndrome de Down nos Jogos Paralímpicos: O direito à visibilidade.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RB-EFE), Universidade de São Paulo, v. 35, n.º 2, p. 77-87, jan.–jun. 2021.

DALLA DÉA, Vanessa; et al. **Se inclui: Formação Docente para inclusão e acessibilidade.** Goiânia: Gráfica UFG, (Coleção Inclusão) 2018.

DALLA DÉA, Vanessa; et al. **Visibilidade do esporte e atleta paralímpico.** Goiânia: Gráfica UFG, (Coleção Inclusão) 2019.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (orgs.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.24, pp.40-52. ISSN 1413-2478.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2007. 89 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GÓES, Anderson Roges Teixeira; Priscila Kabbaz Alves da Costa. **Do Desenho Universal ao Desenho Universal para Aprendizagem.** In: GÓES, Anderson Roges Teixeira; COSTA, Priscila Kabbaz Alves da. (Organizadores). **Desenho Universal e Desenho Universal para Aprendizagem: fundamentos, práticas e propostas para Educação Inclusiva – vol 1.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 172p.

GONÇALVES, Glauco Roberto. **Desescolarizar a escola: Práticas para uma pedagogia da autonomia em um mundo em crise.** In: Escola de educação básica para todos: volume VII [livro eletrônico] / Organizadora Deise Nanci de Castro Mesquita. – 1ª ed. – Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2021. 203 p.; Ebook.

GONÇALVES, Vivianne Oliveira; LEITE, Sabrina Toffoli; DUARTE, Edison. **A Educação Física Adaptada no currículo de formação profissional em educação física.** Revista Eletrônica de Grad. e Pós-grad. em Educação, vol.16, nº03, 2020. Portal de Periódicos UFG.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política.** Campinas: Papyrus, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAIOR, Izabel Maria Madeira de Loureiro. **Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos.** Inc.Soc., Brasília, DF, v.10 n.2, p.28-36, jan./jun. 2017.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de; GUTIERRES, Gustavo Luis. **Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea.** Revista Movimento, vol. 13, nº 3, 2007, pp. 225-242. Escola de Educação Física, Rio Grande do Sul, Brasil.

MINAYO, Maria Suely de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Adriane Dall'Acqua; PILATTI, Luiz Alberto. **Educação inclusiva na formação inicial de professores: revisão sistemática.** Revista Even. Pedagóg., Sinop, v.14, n.2, p. 359-375, 2023.

OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva; GONÇALVES, Adriana Garcia. **Desenho universal para aprendizagem e formação continuada de professores de Educação Física: possibilidades e desafios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

PIMENTEL, Susana Couto. **Formação de professores para a inclusão: saberes necessários e percursos formativos.** In: **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.** org. Theresinha Guimarães Miranda; Teófilo Alves Galvão Filho. Salvador: UFBA, 2012.

PLETSCH, Márcia Denise. **Repensando a inclusão escolar: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual.** 2ª ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: NAU, 2014.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; FILHO, Lino Castellani; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

VIANA, Walas Carvalho; TALHATELI, Fernanda Bravo. **Manual iniciação ao Esporte Paralímpico [livro eletrônico]: Bocha.** São Paulo, SP: Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB, 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia Pedagógica.** 3ªed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

WINCKLER, Ciro; OLIVEIRA, Mizael Conrado de. **O esporte paralímpico e os caminhos para a inclusão social.** Revista científica virtual, edição 27, outubro de 2018. OAB, ESA, São Paulo, Brasil.

ZANIOLO, Leandro Osni; DALL'ACQUA, Maria Júlia C. (orgs). **Inclusão Escolar: Pesquisando políticas públicas, formação de professores e práticas pedagógicas.** Jundiaí, Paco Editorial: 2012.



WÁLISSESON FRANCISCO DE LIMA

***A BOCHA PARALÍMPICA COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA***

GOIÂNIA

2025

WÁLISSEON FRANCISCO DE LIMA

**A BOCHA PARALÍMPICA COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção para o título de Mestre em Ensino na Educação Básica

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Wálisson Francisco de
A BOCHA PARALÍMPICA COMO CONTEÚDO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA [manuscrito] / Wálisson Francisco de Lima. - 2025.
XXIX, 29 f.: il.

Orientador: Prof. Vanessa Helena Santana Dalla Déa.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em
Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui siglas, fotografias, símbolos.

1. Bocha Paralímpica. 2. Educação Física. 3. Inclusão Escolar. 4.
Diversidades . I. Dalla Déa, Vanessa Helena Santana , orient. II. Título.

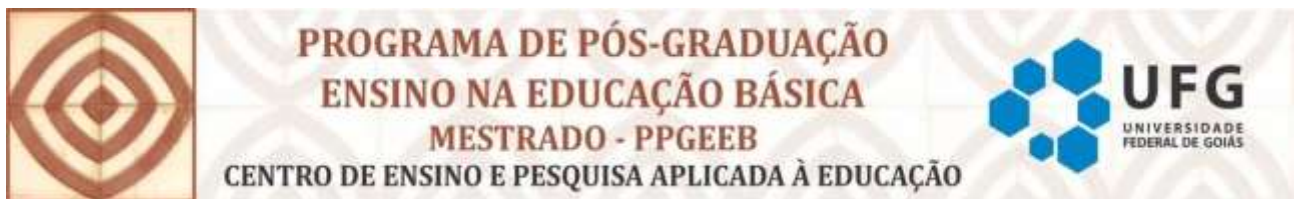
CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos treze dias do mês de novembro do ano 2024, às 14h, via teleconferência, foi realizada a Defesa da Dissertação intitulada *A Bocha Paralímpica na escola: vivência e inclusão na Educação Física escolar* e do Produto Educacional intitulado *A Bocha Paralímpica como conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física*, pelo discente **WÁLISSON FRANCISCO DE LIMA**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

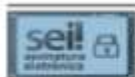
Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa (PPGEEB /CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Ana Paula Salles da Silva (PPGEEB /CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Lana Ferreira de Lima (UFCat) – membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Helena Santana Dalla Déa**, Professor do Magistério Superior, em 13/11/2024, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Salles Da Silva**, Professor do Magistério Superior, em 15/11/2024, às 09:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **LANA FERREIRA DE LIMA**, Usuário Externo, em 18/11/2024, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4959249** e o código CRC **291DC3E0**.

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL
(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE N°001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: Sequência Didática

DIVULGAÇÃO

- Filme
- Hipertexto
- Impresso
- Meio Digital
- Meio Magnético
- Outros. Especificar.

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

Material didático e instrucional abordando o ensino da Bocha Paralímpica nas aulas de Educação Física, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Professores de Educação Física do Ensino Fundamental – 1º ao 5º ano

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
- Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
- Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional

- Ensino
- Aprendizagem
- Econômico
- Saúde
- Social
- Ambiental
- Científico

O impacto do Produto Educacional é:

- Real** - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.
- Potencial** - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado

O Produto Educacional foi vivenciado

(Aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação: O produto educacional foi vivenciado com dois professores de Educação Física e 100 estudantes, sendo eles de duas turmas do 1º ano e duas turmas do 2º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Guiomar Rosa de Oliveira, unidade escolar da Rede Municipal de Ensino de Aparecida de Goiânia, em Goiás. A vivência teve duração de duas aulas de 45 minutos cada.

REPLICABILIDADE ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido.

() Sim () Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

() Local () Regional () Nacional () Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

() **Alta complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

() **Média complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

() **Baixa complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

() **Sem complexidade** - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

() **Alto teor inovativo** - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

() **Médio teor inovativo** - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

() **Baixo teor inovativo** - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

() Sim () Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

- () Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB
 () Cooperação com outra instituição
 () Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual

(x) Sim () Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

- (x) Licença Creative Commons
 () Domínio de Internet
 () Patente
 () Outro. Especifique:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/br/>

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

() Sim (x) Não

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

(x) Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

Foi apresentado em forma de comunicação científica na Mostra de Pós-graduação do CONPEEX 2024

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

() Sim (x) Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma EduCAPES com acesso disponível no link:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1132466>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto, na Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)
<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>

Outras formas de acesso:
<https://www.bochanaescola.com.br/>

LIMA, Wálisson Francisco de. **A Bocha Paralímpica como conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física**. 2025. 29f. Produto Educacional relativo a Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Este Produto Educacional em forma de Sequência Didática apresenta um conjunto de atividades que abordam a Bocha Paralímpica nas aulas de Educação Física. Ele foi produzido em paralelo à pesquisa qualitativa sobre as concepções e as ações pedagógicas desenvolvidas por professores de Educação Física, para difundir saberes sistematizados sobre o esporte paralímpico nas escolas, visto como fenômeno histórico-cultural e pluridimensional, realizada na 1ª fase do Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Ensino de Aparecida de Goiânia, em Goiás. Este trabalho foi desenvolvido durante o Mestrado Profissional Stricto Sensu em “Ensino na Educação Básica”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da Universidade Federal de Goiás (UFG), entre os anos de 2021 a 2024, cujo título da dissertação é “A Bocha Paralímpica na escola: vivência e inclusão na Educação Física escolar”. Desenvolvemos uma Sequência Didática para apresentar este Esporte de Precisão para os estudantes do Ensino Fundamental, abordando sua historicidade, seus fundamentos principais, a dinâmica do jogo, objetivando desenvolver noções de empatia e respeito às diferenças entre os diversos estudantes presentes nas escolas. Elaboramos ao final da pesquisa, um festival de cultura paralímpica na escola pesquisada, em parceria com os professores de Educação Física participantes da pesquisa, no qual testamos a viabilidade deste Produto Educacional na escola comum, sendo que os resultados desta intervenção pedagógica culminaram com a construção deste produto.

Palavras-Chave: Bocha Paralímpica. Educação Física. Inclusão Escolar. Diversidades.

LIMA, Wálisson Francisco de. **Paralympic Boccia as pedagogical content in Physical Education classes**. 2025. 29p. Educational Product related to Dissertation (Master's in Teaching in Basic Education) – Postgraduate Program in Teaching in Basic Education, Center for Teaching and Research Applied to Education, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

This Educational Product, in the form of a Didactic Sequence, presents a set of activities that address Paralympic Boccia in Physical Education classes. It was produced in parallel with qualitative research on the conceptions and pedagogical actions developed by Physical Education teachers to disseminate systematized knowledge about Paralympic sport in schools, seen as a historical-cultural and multidimensional phenomenon, carried out in the 1st phase of Elementary Education in the Municipal Education Network of Aparecida de Goiânia, Goiás. This work was developed during the Professional Master's Degree in "Teaching in Basic Education", of the Postgraduate Program in Teaching in Basic Education of the Center for Teaching and Research Applied to Education (CEPAE), of the Federal University of Goiás (UFG), between the years 2021 and 2024, whose dissertation title is "Paralympic Boccia in school: experience and inclusion in school Physical Education". We developed a teaching sequence to introduce this precision sport to elementary school students, addressing its history, its main fundamentals, and the dynamics of the game, aiming to develop notions of empathy and respect for differences among the various students present in schools. At the end of the research, we organized a Paralympic culture festival at the school studied, in partnership with the Physical Education teachers participating in the research, in which we tested the viability of this Educational Product in a mainstream school, and the results of this pedagogical intervention culminated in the creation of this product.

Keywords: Paralympic Boccia. Physical education. School inclusion. Diversities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	75
SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	77
1. ATIVIDADE PARA APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	79
2. FUNDAMENTOS DA BOCHA NA MESA DE CORNHOLE.....	81
3. BOLICHE COM GARRAFAS PET.....	82
4. BOLA AO ALVO.....	84
5. ARREMESSOS NO TRIO DE BOCHAS.....	85
6. JOGO DE BOCHA PROPRIAMENTE DITO.....	86
7. DESENHAR E COLORIR A QUADRA DE BOCHA.....	87
8. CORREDOR DE CONES OU CORREDOR DE BOCHAS.....	88
9. BOCHA NO BAMBOLÊ.....	89
10. FESTIVAL DE BOCHA PARALÍMPICA.....	90
11. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	91
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

INTRODUÇÃO

O produto educacional que apresentamos, se enquadra na categoria das mídias educacionais digitais. Surge dos relatos e das experiências adquiridas nesta pesquisa e trata-se da criação de uma Sequência Didática sobre a Bocha Paralímpica e as possibilidades de intervenção pedagógica com esta modalidade nas aulas de Educação Física, trazendo referências para o desenvolvimento deste tema nas escolas de Educação Básica e estimulando o ensino de conteúdos relativos à cultura paralímpica nas aulas de Educação Física.

Neste estudo tratamos os conteúdos como conhecimentos a serem apresentados e desenvolvidos dialeticamente no ambiente escolar. “Os conteúdos são conhecimentos necessários à apreensão do desenvolvimento sócio-histórico das próprias atividades corporais e à explicitação das suas significações objetivas” (SOARES et al., 1992, p.64).

Esta sequência didática é voltada para professores de Educação Física, explanando questões sobre a história dos esportes paralímpicos e as especificidades da Bocha Paralímpica, como suas regras e formas de jogar, classificação funcional das deficiências que podem competir profissionalmente nessa modalidade, adaptações do jogo para se adequar à realidade das escolas, os principais fundamentos da modalidade e formas lúdicas para apresentar esta modalidade paralímpica para as turmas do ensino fundamental.

O Produto Educacional foi desenvolvido a partir dos diálogos estabelecidos no campo da pesquisa, na Escola Municipal Guiomar Rosa de Oliveira, no município de Aparecida de Goiânia. Apesar de estar vinculado ao primeiro bloco do ensino fundamental, sua abrangência de aplicabilidade engloba toda a Educação Básica, sendo passível de adaptações para outros níveis de ensino. Combina conhecimentos sobre uma modalidade esportiva paralímpica existente, porém, quase nunca abordada nas escolas, devido à falta de tradição e domínio dos conhecimentos sobre esta modalidade no Brasil.

Os fundamentos dessa modalidade, como o controle de direção e controle de força, são valências ou habilidades que serão exigidas em diversas outras atividades na vida dos estudantes. Os praticantes demonstram grande interesse e interação com as atividades propostas. O produto foi vivenciado na culminância pedagógica sobre a cultura paralímpica na escola que foi o campo da pesquisa empírica. Na última semana de aula antes das férias de julho, realizamos um Festival de Atividades Paralímpicas, montamos as atividades e testamos sua aplicabilidade juntos aos alunos da primeira fase do ensino fundamental.

Praticada por atletas com paralisia cerebral e comprometimento motor nos quatro membros do corpo, a Bocha Paralímpica surge no Brasil na década de 70, sob influência dos imigrantes italianos. A modalidade estreou nos Jogos Paralímpicos no ano de 1984, edição sediada por duas cidades diferentes: Stoke Mandeville (Inglaterra) e Nova Iorque (Estados Unidos).

A dinâmica da modalidade consiste em jogar bolas nas cores vermelha ou azul o mais próximo possível de uma bola branca, também conhecida como “bola jack”. Os atletas jogam sentados em suas cadeiras de rodas, limitados a um espaço retangular (box) de 1 metro de largura por 2,5 metros de comprimento, demarcado para fazer arremessos. É permitido realizar os arremessos com qualquer parte do corpo ou utilizar instrumentos de auxílio (rampas/calhas) para dar maior propulsão à bola, além de contar com ajudantes (operador de rampas ou calheiro), no caso de atletas com maior comprometimento dos membros. Para atletas com tetraplegia e grande dificuldade de movimentação de braços e pernas, pode ser utilizado um capacete ou faixa na cabeça com uma ponteira acoplada, para tocar e empurrar a bocha para que a mesma desça pela calha.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

TEMA: A Bocha Paralímpica como conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física

CONTEÚDOS TRABALHADOS: Inclusão escolar por meio dos esportes; a cultura paralímpica e sua importância nas aulas de Educação Física; Aprendizagem da Bocha Paralímpica categorizada na BNCC como Esporte de Precisão.

OBJETIVOS:

- Propiciar vivências que auxiliem os professores de Educação física na oferta de condições adequadas para a prática de iniciação da Bocha Paralímpica como esporte de precisão;
- Apresentar a modalidade de Bocha Paralímpica aos professores e alunos, contextualizando sua história e sua inserção na cultura corporal de movimento no Brasil;
- Reaproveitar materiais têxteis e garrafas pets para desenvolver atividades lúdicas e mais acessíveis, capazes de impulsionar habilidades motoras relativas ao jogo da Bocha;
- Vivenciar a prática dos fundamentos da Bocha através de jogos e dinâmicas coletivas, respeitando as características individuais de cada um e as adaptações necessárias à faixa etária e familiaridade de cada criança com a modalidade;
- Oferecer práticas corporais que estimulem o desenvolvimento integral de pessoas com deficiência presentes nas escolas e auxiliar na conscientização e na aprendizagem destes conteúdos por todos os alunos.

COMPETÊNCIAS A SEREM ALCANÇADAS:

- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
- Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
- Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS COM SEUS RESPECTIVOS CÓDIGOS DE ACORDO COM A BNCC:

- (EF12EF05): Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.
- (EF12EF06): Discutir a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes.

RECURSOS MATERIAIS:

- Kits oficiais de Bocha Paralímpica e rampa de arremesso
- Bochas azuis, vermelhas e brancas produzidas com meias e retalhos
- Garrafas pet e corante azul e vermelho
- Placa de madeira ou madeirite
- Giz
- Dois bonecos João Teimoso

1. Atividade para apresentação do tema

Objetivos:

- Apresentar o tema para a turma e iniciar os debates sobre a cultura paralímpica e a inclusão das pessoas com deficiência nas escolas.
- Desenvolver a noção de capacitismo com os educandos e a capacidade de valorização da eficiência de cada um, a partir de suas limitações próprias;
- Refletir sobre a participação do Brasil nos Jogos Paralímpicos e realizar uma breve exposição sobre as modalidades paralímpicas oficiais, debatendo sobre a Bocha Paralímpica e sobre a organização básica deste esporte, como a classificação funcional da modalidade.

Recursos materiais:

- Bolas de meia e retalhos de tecidos que podem ou não serem produzidas pelos estudantes na aula;
- Dois bonecos João Teimoso ou outro tipo de alvo selecionado pelo professor

Descrição das atividades:

Introduzir o assunto sobre a modalidade conhecida como bocha paralímpica, falando sobre a categoria dos esportes de precisão. Acreditamos que perguntas abrem a possibilidade para novas descobertas, começemos realizando questões para os estudantes sobre esta modalidade, como por exemplo:

- *Vocês já ouviram falar nas Paralimpíadas?*
- *Saberiam citar algum esporte paralímpico?*
- *Vocês sabem o que é deficiência?*
- *Conhecem algum colega com deficiência aqui na escola?*
- *Vocês sabem o que é a bocha paralímpica? Gostariam de aprender?*

A partir das respostas dos educandos, iniciar um grande debate com base nas questões elencadas acima. Em seguida, dispomos a turma em uma roda e apresentamos o kit oficial de Bocha Paralímpica, se não houver um kit disponível na escola, o professor pode utilizar bolas de meia nas cores vermelha e azul, falando sobre a possibilidade de adaptação dos materiais para as práticas com o conteúdo Bocha que iremos dar início. É importante refletir sobre estes materiais, fazendo comparações com outras atividades de precisão e mira, como a bolinha de gude, lançamento de dardos, entre outras.

Entregar uma bocha para cada estudante e iniciar movimentos de precisão, como jogar a bocha para o alto e recebê-la com as duas mãos, passar a bocha para a mão esquerda ou para a direita ao sinal do professor, tentar equilibrar a bocha na cabeça parado ou em movimento. Realizar jogadas com 3 bochas simultâneas entre os estudantes dispostos na roda. Ao final desta atividade, colocar duas cadeiras atrás de uma linha e convidar os estudantes para realizar arremessos livres, da maneira como quiserem, sentados na cadeira, buscando acertar dois bonecos João Teimoso, sendo que estes farão arremessos sentados buscando experimentar a sensação de ter que realizar um arremesso enquanto estão sentados na cadeira, no intuito de se colocar no lugar das pessoas com deficiência que utilizam cadeiras de roda e arremessam a bocha sentadas em suas cadeiras. Realize variações na mira dos arremessos, por exemplo, desafiar as crianças a acertarem a cabeça, os braços, ou mesmo os pés do boneco. Se houverem crianças com comprometimento nos membros superiores, que as impeçam de realizar arremessos, pode ser utilizado uma rampa ou mesmo um cano de pvc para auxiliar no lançamento das bochas, conforme podemos observar nas imagens abaixo.

Avaliação da aprendizagem:

Ao final da brincadeira, realizar um diálogo acerca das compreensões sobre o debate coletivo e das dúvidas ou dificuldades enfrentadas pelos estudantes na realização das atividades propostas.

Figura 1: Atividade de arremesso da Bocha adaptada em cadeiras comuns e com bolas de meia



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 2: Inclusão de criança com deficiência nas aulas de Educação Física e utilização da rampa de lançamento para viabilizar sua participação



2. Fundamentos da Bocha na mesa de Cornhole

Objetivos:

- Conhecer as bochas oficiais utilizadas neste esporte e executar com elas o principal objetivo da modalidade, o arremesso com o objetivo de acertar o alvo.

Recursos Materiais:

- Mesa de Cornhole adaptada com Madeirit e kits de bocha

Descrição da atividade:

Os dois principais fundamentos da Bocha são: controle de direção e controle de força. Nessa atividade, faremos arremessos com as Bochas na mesa de Cornhole⁶. Os arremessos serão orientados pelo professor, serão arremessos rasteiros com a bocha na palma da mão voltada para frente e os dedos voltados para o chão, chamados de arremesso de concha. Uma variação pode ser o arremesso com a palma da mão voltada para trás, chamado de concha invertida.

As crianças serão dispostas em filas, respeitando a linha limite para executar o arremesso, da mesma forma como no jogo de Bocha.

- Os professores darão o comando para o arremesso de cada aluno mostrando raquetes de sinalização da bocha, utilizadas no jogo oficial;
- O objetivo do arremesso é acertar o buraco na mesa de Cornhole;
- Variar os tipos de arremessos a cada rodada da atividade;

Avaliação da aprendizagem:

Conversar com os estudantes sobre as variações dos arremessos e quais as dificuldades encontradas na sua realização

Debater sobre as dificuldades experimentadas pelos estudantes no controle da força e da direção dos arremessos e refletir sobre as dificuldades experimentadas pelas pessoas com paralisia cerebral e comprometimento nos braços e pernas.

⁶ É um jogo bastante popular nos Estados Unidos e na Alemanha, que consiste em lançar pequenos sacos de milho em uma plataforma de madeira com um buraco no final de uma das extremidades. Trata-se de um jogo de pontaria que pode ser jogado por 2 ou 4 jogadores e cuja distância da plataforma pode ser ajustada consoante a habilidade/idade dos jogadores.



Figura 3: Mesa de Cornhole adaptada para arremessos da Bocha com base para elevar a ponta, quanto mais elevada, demanda mais força no arremesso.

Fonte: Arquivo pessoal (2024)



Figuras 4 e 5: Kit oficial de Bocha e raquetes de sinalização de arbitragem

3. Boliche com garrafas pet

Objetivo:

- Arremessar as bochas para derrubar as garrafas de boliche adaptadas.

Recursos Materiais:

- Kits de Bocha e pinos de boliche adaptados com garrafas pet

Descrição da atividade:

Separar a turma em duas equipes, uma azul e outra vermelha.

As crianças serão dispostas atrás de uma linha e ao sinal dos professores, farão arremessos com a bocha para derrubar as garrafas do boliche. Esta atividade poderá ser realizada em p, e caso haja algum aluno usuário de cadeira de rodas, a rampa de lançamento poderá ser utilizada. Não havendo uma rampa de lançamento na escola, pode ser utilizado um cano de pvc ou outras adaptações necessárias para a inclusão de todos os alunos na atividade. Cada criança realiza um arremesso, até que todos os integrantes da equipe tenham jogado. Os pontos serão cumulativos e os pinos só serão levantados depois que toda a equipe arremessar. Ao final dos lançamentos de toda a equipe, o professor fará a soma dos pinos derrubados, e então, passará a vez para a outra equipe.

Avaliação da aprendizagem:

Realizar comparações com a turma entre os diferentes estilos de lançamentos e as dificuldades encontradas em cada um deles;

Debater sobre as vantagens e as dificuldades para jogar em equipe.

Figura 6: Jogo de Boliche produzido com garrafas pet



Figura 7: Arremesso com a Bocha na brincadeira de boliche adaptado



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

4. Bola ao alvo

Objetivos:

- Controlar a força e a direção dos arremessos e acertar o alvo, para ajudar a equipe a conquistar pontos. A soma dos pontos de cada aluno será o placar final da equipe azul ou da equipe vermelha.

Recursos Materiais:

- Bolas de meia vermelhas e azuis e Giz para demarcação

Descrição da atividade:

Atrás da linha de demarcação, as crianças deverão lançar as bochas para tentar acertar o alvo. Esta atividade pode ser realizada individualmente ou em equipes, onde o principal objetivo é acertar o maior número possível de bochas dentro de um círculo desenhado pelo professor. Podem ser usados diferentes tipos de bolas, desde que sejam pequenas, semelhantes às bochas.

Avaliação da aprendizagem:

Refletir sobre o controle da direção e da força no chão liso e sem inclinação.

Dialogar sobre o papel de cada integrante da equipe em um jogo coletivo.

Figuras 8 e 9: Bolas de meia produzidas com materiais têxteis reaproveitados.



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

5. Arremessos no trio de bochas

Objetivos:

- Desenvolver os principais fundamentos da bocha: controle de direção e controle de força no arremesso
- Entender o conceito de abertura de jogo na Bocha, buscando desenvolver a habilidade de controlar o local onde o arremesso será iniciado

Recursos Materiais:

- Kits de bocha e bolas de meia nas cores azul e vermelha

Descrição:

Disponibilizar vários alvos constituídos com 3 bochas cada um, em formato de triângulo, para que os alunos arremessem visando derrubar cada obstáculo apresentado pelos professores. Eles podem ser colocados no local onde o professor achar viável que seja realizada uma abertura de jogo.

Avaliação da aprendizagem:

Dialogar com os alunos sobre abertura de jogo na Bocha, que é a forma de iniciar uma parcial do jogo, ou seja, o local onde cada jogador irá optar por jogar sua bola alvo (bola branca). Conversar sobre as estratégias que podem ser adotadas individualmente ou em equipe para defender a bola alvo dos ataques da outra equipe.



Figura 10: Obstáculo com trio de bolas para os estudantes derrubarem

Fonte: Arquivo pessoal (2024)

6. Jogo de bocha propriamente dito

Objetivos:

Desenvolver os principais fundamentos da bocha: controle de direção e controle de força nos arremessos, no intuito de aproximar e colar as bolas coloridas na bola alvo.

Recursos Materiais:

kits de bocha

Descrição:

Disponibilizar os estudantes em equipes, sentados lado a lado dos seus pares, lançar a bola alvo e dinamizar os arremessos para que todos busquem acertar suas bolinhas coloridas na bola branca. O professor pode viabilizar a produção de uma quadra retangular de bocha utilizando fita crepe larga.

Avaliação da aprendizagem:

Dialogar com os estudantes sobre as dificuldades encontradas pelos atletas no desenvolvimento deste esporte

Refletir sobre as possibilidades de jogar individualmente ou em grupos



Figura 11 e 12: Estudantes integrados jogando bocha na aula de Educação Física com mediação da professora

Fonte: Inteligência Artificial (2024)

7. Desenhar e colorir a quadra de Bocha

Objetivos:

Conhecer uma quadra oficial de Bocha Paralímpica e saber o nome e a função de todas as suas partes, como os 6 boxes, a linha em formato de letra V, a marca de penalidades.

Recursos Materiais:

- Quadro negro e Giz
- Papel
- Lápis comuns e coloridos
- Régua

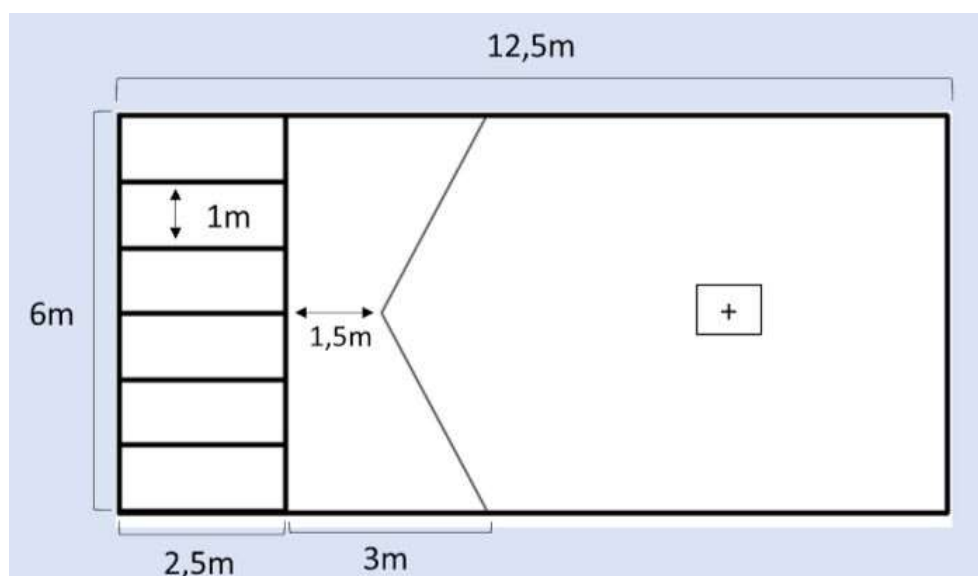
Descrição:

Esta atividade pode ser realizada na sala de aula. Disponibilizar uma imagem grande de uma quadra oficial de Bocha Paralímpica, dialogar com os estudantes sobre as partes da quadra e a função de cada parte. Pedir para que os estudantes desenhem sua própria quadra em uma folha e pintem da maneira que quiserem.

Avaliação da aprendizagem:

Dialogar com os estudantes sobre a quadra de jogo e as regras que orientam os atletas durante sua passagem pela quadra

Avaliar as dificuldades dos estudantes e o produto do seu trabalho no desenho da quadra



Fonte:
Pesquisa na
web (2024)

Figura 13: Quadra oficial de Bocha Paralímpica com as medidas de cada parte

8. Corredor de cones ou corredor de bochas

Objetivos:

- Vivenciar arremessos rasteiros no intuito de acertar o alvo, podendo ser posicionado no centro ou nas laterais da quadra.

Recursos materiais:

- Cones, kits de bocha ou bolas de meia

Descrição:

Criar pequenos corredores em diversos espaços da quadra com cones ou mesmo com as bochas conforme figura abaixo. Dispor os estudantes atrás de uma linha e orientar para que eles acertem os alvos. Todos os lançamentos podem ser adaptados caso haja alguma criança com restrições de movimento nos membros superiores. A atividade pode ser realizada individualmente, em duplas, trios ou grupos maiores.

Avaliação da aprendizagem:

Refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes na realização da atividade

Debater sobre outras formas de realizar os corredores, conforme figura abaixo



*Figura 14: Corredor criado com bochas vermelhas
Fonte: Arquivo pessoal (2024)*



*Figura 16: Estudantes jogando bocha lúdica e adaptada na escola
Fonte: Inteligência Artificial (2024)*

10. Festival de Bocha Paralímpica

Objetivos: Organizar um pequeno festival de Bocha na escola, onde as aprendizagens sobre o tema serão praticadas.

Recursos Materiais:

- kits de bocha
- Fita crepe larga
- kit de arbitragem: raquetes de sinalização e trena de medição

Descrição:

O professor pode organizar uma pequena competição de bocha contemplando todos os estudantes. As atividades serão realizadas na quadra de bocha e as competições mistas podem ocorrer nas modalidades individual ou por equipes. Envolver os estudantes na criação das

equipes, estimular a criação de nomes originais para as equipes. Explorar as diversas possibilidades e incentivar

Avaliação da aprendizagem:

Promover um grande debate sobre a Bocha na escola, ouvindo dos estudantes sobre aquilo que eles mais gostaram, suas dificuldades e relembrar os principais conhecimentos construídos com essa sequência de atividades sobre a bocha.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem ocorre de forma processual, estabelecendo um permanente diálogo entre professores de Educação Física e os educandos. É importante debater as ações propostas, desde sua concepção até sua aplicação nas aulas. Durante cada atividade, propõe-se a criação de rodas de conversa para refletir sobre os problemas enfrentados e o sucesso alcançado na sua realização, assim como as possíveis dificuldades enfrentadas durante as aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, Matheus Jancy Bezerra et al. (Orgs.). **BOCHA PARALÍMPICA: história, iniciação e avaliação**. Curitiba, PR: CRV, 2019.

CIESIELSKI JUNIOR, Darlan França. **Exercícios de Bocha para iniciação de treinamento**. E-book. São Paulo, 2022.

DALLA DÉA, Vanessa; DALLA DÉA, Vicente P. B.; LIMA, Marlíni Dorneles; MARTINEZ, Jéssica Félix Nicácio; RIOS, Gleyson Batista. **Esporte Educacional [Recurso digital – HTML5]**/Ministério da Cidadania; Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social. – Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

DALLA DÉA, Vanessa; et al. **Visibilidade do esporte e atleta paralímpico**. Goiânia: Gráfica UFG, (Coleção Inclusão) 2019.

MONTEIRO, M. N.; CIESIELSKI JUNIOR, D.F. **A utilização de Atividades Lúdicas na Iniciação de Bocha Paralímpica**. (Apresentação de Trabalho/Seminário). São Paulo, 2018.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; FILHO, Lino Castellani; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VIANA, Walas Carvalho; TALHATELI, Fernanda Bravo. **Manual iniciação ao Esporte Paralímpico [livro eletrônico]: Bocha**. São Paulo, SP: Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB, 2021.